UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – UNAERP

LÍVIA MACARIO DA SILVA BARBOSA

OCUPAÇÃO DA VILA DO CRUZEIRO E DO COMPLEXO DO ALEMÃO: ANÁLISE DE PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS DO TELEJORNAL JORNAL NACIONAL E JORNAL IMPRESSO O GLOBO

RIBEIRÃO PRETO
2022

LÍVIA MACARIO DA SILVA BARBOSA

OCUPAÇÃO DA VILA DO CRUZEIRO E DO COMPLEXO DO ALEMÃO: ANÁLISE DE PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS DO TELEJORNAL JORNAL NACIONAL E JORNAL IMPRESSO O GLOBO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Me. Elivanete Ap. Zuppolini Barbi

RIBEIRÃO PRETO
2022

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

BARBOSA, Lívia Macario da Silva, 2000-
B238o Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão: análise de produções jornalísticas / Lívia Macario da Silva Barbosa. – Ribeirão Preto, 2023.
52 f. : il. color.

Orientador: Prof.ª Me.ª Elivanete Ap. Zuppolini Barbi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

Jornalismo policial. 2. Segurança pública – Rio de Janeiro. II. Título.

CDD
070

RESUMO

BARBOSA, M. Da Silva, Lívia. **Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão: análise de produções jornalísticas.** Orientadora: Profa. Me. Elivanete Ap. Zuppolini Barbi. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) – 2022.

Esse trabalho de conclusão de curso tem por objetivo principal analisar matérias jornalísticas produzidas sobre a Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, em 2010, suas especificidades e de que forma essas produções repercutiram em coberturas jornalísticas policiais e de segurança pública que surgiram posteriormente. A pesquisa tem como objetivo apresentar, de forma clara, como os meios de imprensa que trabalharam na cobertura dos fatos relativos à invasão do Morro do Alemão. O método utilizado foi a pesquisa analítica exploratória, tendo como base as teorias do jornalismo, além de outros referenciais teóricos, analisando as matérias jornalísticas realizadas durante e após a Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão. A pesquisa analítica envolve o estudo e avaliações aprofundadas acerca de informações disponíveis na intenção de explicar o contexto de determinado fenômeno. Já na pesquisa exploratória, o pesquisador se familiariza com o objeto de estudo, para que assim consiga ter melhores orientações que possam auxiliar na formulação de suas hipóteses. Nesse sentido, a relevância do presente trabalho consiste em contribuir para os estudos e análises sobre o jornalismo policial, o que poderá trazer um olhar mais crítico acerca dessas produções e, assim, aprimorar o nível de pautas de segurança pública e demais conteúdos jornalísticos deste tema. Vale destacar que a análise se concentrou em produções jornalísticas realizadas pelo Jornal Nacional e jornal O Globo. Para a análise, esse estudo valeu-se de referenciais teóricos sobre jornalismo policial e teorias do jornalismo que elucidaram fatores e pontos significativos para o tema central. Por meio deste projeto, foi possível verificar de que forma a imprensa tratou o fato e as repercussões da ocupação do Morro do Alemão pelas forças policiais, a ênfase e espaço dados a essa pauta e à repercussão do ocorrido pelos principais veículos de imprensa do Rio de Janeiro na época e o impacto dessas coberturas sobre a cobertura jornalística de casos policiais e de Segurança Pública.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Policial; TV GLOBO; Morro do Alemão; Segurança Pública.

ABSTRACT

BARBOSA, M. Da Silva, Livia. **Occupation of Vila do Cruzeiro and Complexo do Alemão: analysis of journalistic productions.** Advisor: Prof. Ma. Elivanet Ap. Zuppolini Barbi. 49 p. Final term (Bachelor of Journalism) – Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) – 2022.

The main objective of this final term paper is to analyze news stories produced about the Occupation of Vila do Cruzeiro and Complexo do Alemão, in the city of Rio de Janeiro, in 2010, their specificities and how these productions had repercussions in police and public security news coverage that emerged afterwards. The research aims to present, in a clear way, how the media that worked in the coverage of the facts related to the invasion of Morro do Alemão. The method used was exploratory analytical research, based on the theories of journalism, as well as other theoretical references, analyzing the news reports made during and after the Occupation of Vila do Cruzeiro and Complexo do Alemão. Analytical research involves the study and in-depth evaluation of available information with the intention of explaining the context of a certain phenomenon. In exploratory research, the researcher becomes familiar with the object of study, so that he can have better orientations that can help in the formulation of his hypotheses. In this sense, the relevance of this work is to contribute to the studies and analysis of police journalism, which can bring a more critical look at these productions and thus improve the level of public security agendas and other journalistic content on this theme. It is worth pointing out that the analysis focused on news productions carried out by Jornal Nacional and O Globo newspaper. For the analysis, this study was based on theoretical references about police journalism and theories of journalism that elucidated factors and significant points for the central theme. Through this project, it was possible to verify how the press dealt with the fact and the repercussions of the occupation of Morro do Alemão by the police forces, the emphasis and space given to this issue and to the repercussions of what happened by the main press vehicles in Rio de Janeiro at the time, and the impact of this coverage on the journalistic coverage of police and public security cases.

Keywords: Journalism; Police Journalism; TV GLOBO; Morro do Alemão; Public Security.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO…… 05
2.CAPÍTULO 1 - FAVELAS CARIOCAS……...11
3.CAPÍTULO 2 - O COMPLEXO DO ALEMÃO…….. 13
3.1. A INVASÃO DO COMPLEXO DO ALEMÃO……... 14
4. CAPÍTULO 3 - TEORIAS DO JORNALISMO……..18
5. CAPÍTULO 4 - RECORTES JORNALÍSTICOS E DEPOIMENTOS DA OCUPAÇÃO.. 26
CONSIDERAÇÕES FINAIS……...40
REFERÊNCIAS……..……42
ANEXOS……..45
Anexo A - Matéria jornalística do O Globo "Polícia fará operações em favelas"..... 45
Anexo B - *Box* jornalístico "Dois meses de ataques"..... 45
Anexo C - Matéria jornalística do O Globo "Carro é incendiado perto do Alemão"..... 46
Anexo D - Matéria jornalística "A união do crime contra as UPPs"..... 46
Anexo E - Matéria jornalística "Ataque ao *bunker* do tráfico".....46
Anexo F - Matéria jornalística "O Dia D da guerra ao tráfico"..... 47
Anexo G - Capa do jornal "Intenso tiroteio entre Exército e tráfico abre Batalha do Alemão"..... 47
Anexo H - Matéria jornalística "Presença de militares muda a paisagem na região da Penha"..... 47
Anexo I - Capa do jornal "Prefeitura tem megaprojeto de reconstrução da Vila do Cruzeiro"..... 48
Anexo J - Matéria jornalística "A hora do social e do urbanismo".....48
Anexo K - Manchete jornalística "Bandidos não aceitam ultimato e política decide invadir Alemão hoje".....48
Anexo L - Capa jornalística "O Rio mostrou que é possível"..... 49

INTRODUÇÃO

A cobertura jornalística voltada para o âmbito policial retrata, nos grandes, médios e pequenos veículos de imprensa, casos em que há combates, prisões, sequestros ou até mesmo invasões por parte dos profissionais da Polícia Civil, Militar e Forças Armadas que integram o nicho da segurança em determinado território, tanto municipal, quanto federal ou estadual.

> Frequentemente, ao ligarmos a televisão, nos deparamos com diversos noticiários acerca das mais variadas ações violentas inerentes ao cotidiano da sociedade contemporânea. A forma como esses assuntos têm sido vinculados nos programas de TV tem chamado a atenção, principalmente no que tange às suas características peculiares, que são muitas vezes repletas de artifícios próprios de um verdadeiro espetáculo. (GODOI, 2007, p. 3)

Considerada uma das maiores ocupações de favelas brasileiras, a invasão do Complexo do Alemão e da Vila do Cruzeiro, na época do acontecimento do fato, em novembro de 2010, pautou o noticiário nacional. Durante a ocupação dos bairros favelados na cidade do Rio de Janeiro, a imprensa abriu espaço para mostrar a entrada das Forças Armadas na favela carioca, as fugas e as prisões.

Na época, independente dos jornais nacionais abrirem espaço para outras pautas jornalísticas tradicionais, a ocupação começou a ganhar um grande enfoque, principalmente quando se tratava de informações novas sobre o caso. Essa transmissão minuciosa dos acontecimentos fez com que a Rede Globo de Televisão produzisse uma cobertura exclusiva para noticiar o evento e, no Jornal Nacional, foram apresentados os *flashes* principais da reportagem.

Independente do fato, o jornalismo policial é parte importante da grande maioria dos jornais brasileiros, sejam eles impressos, digitais, televisivos ou radiofônicos. A produção de matérias sobre casos de crime conta também com a participação do público ao enviar imagens exclusivas produzidas por um aparelho de celular e que ganha, muitas vezes, destaque nos noticiários.

Esse trabalho, à vista disso, orienta-se no sentido de visualizar como foram realizadas as coberturas jornalísticas produzidas pelo telejornal Jornal Nacional e jornal impresso O Globo durante a invasão do Complexo do Alemão, em 2010, na cidade do Rio de Janeiro, suas especificidades e de que forma essas produções repercutiram nas coberturas jornalísticas policiais e de segurança pública que surgiram posteriormente.

A partir das diversas produções realizadas nos últimos tempos, vale questionar: Como as produções jornalísticas sobre Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Morro do Alemão repercutiram nos noticiários?

No jornalismo policial, altamente competitivo e que tem ganhado cada vez mais espaço nos canais de comunicação, a credibilidade e detalhamento das informações são alguns dos pontos mais importantes a serem cumpridos; aliás, não somente com relação a essa editoria, mas também em todas as demais.

Um dos meios de diferenciação está nos cuidados que os profissionais dessa editoria precisam ter ao realizar determinadas matérias, especialmente quando se trata de coberturas em ambientes onde a criminalidade, na maioria das vezes, é o único fator de destaque. Nesse contexto, a proposta de trabalho científico visa apresentar conclusões fidedignas às realizações desse tipo de trabalho, baseando-se em princípios do Estudo de Caso, fundamentando-se nas Teorias do Jornalismo.

A relevância desta pesquisa contribui, diretamente, para estudos e concepções sobre o jornalismo policial que poderão trazer um olhar mais crítico diante dessas produções e, assim, aprimorar o conhecimento que, em alguns casos, pode ser raso diante desse tipo de conteúdo discutido. A pesquisa também tem como objetivo apresentar, de forma clara, se os meios de imprensa que trabalharam na cobertura dos fatos, posteriores à invasão do Morro do Alemão, procuraram realizar matérias mais detalhadas e incisivas, bem como se esta cobertura foi suficientemente abordada do início ao fim pelos respectivos meios.

Por meio de estudiosos da área, que debateram sobre o fato, como Luciano Teixeira de Paula (2011), os ecos da cobertura da invasão do Complexo, tal como realizada pela Rede Globo de Televisão, ganharam alcance e as perspectivas de mundo veiculadas pela emissora acabam por contribuir para a consolidação de identidades e determinação de estereótipos pelo Brasil todo.

Para realizar este trabalho, o processo metodológico utilizado foi uma pesquisa bibliográfica analítica e exploratória, tendo como base as teorias do jornalismo, além de outros referenciais, tal como o Estudo de Casos para examinar as matérias jornalísticas produzidas pelo telejornal Jornal Nacional e jornal impresso O Globo durante a Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão.

Contextualizando a pesquisa analítica, esta envolve o estudo e avaliações aprofundados de informações disponíveis na intenção de explicar o contexto de determinado fenômeno. Já na pesquisa exploratória, o pesquisador se familiariza com o objeto de estudo, para que assim consiga ter melhores orientações que possam auxiliar na formulação de suas

hipóteses. Vale destacar que a análise deste projeto se baseou na coleta de produções jornalísticas realizadas pelo Jornal Nacional e o Globo. Ademais, o intuito foi entender o caminho percorrido no processo de produção das notícias, analisando a cobertura jornalística sobre o tema discutido.

O caminho utilizado para se chegar aos objetivos da pesquisa valeu-se de referenciais teóricos, leitura de artigos e livros, que elucidaram fatores e pontos significativos para o tema central discutido durante toda a preparação do projeto.

Em um primeiro momento, houve uma pesquisa minuciosa de materiais jornalísticos que abordaram a Invasão do Complexo do Alemão no jornal O Globo e no programa televisivo Jornal Nacional. Ao fazer essa coleta, foi separado, de acordo com cada veículo, todos os conteúdos produzidos sobre o fato, ou seja, antes, durante e após a invasão. Com essa gama de materiais e informações foi possível encontrar detalhes, até então subjetivos, que enriqueceram o material como um todo.

Ao buscar por referenciais teóricos, foi utilizado o livro *Teoria do Jornalismo*, de Felipe Pena, o qual trouxe as teorias utilizadas na área e de que forma elas atingem as produções diárias, bem como dados jornalísticos que acabam por comprovar a complexidade e veracidade das informações ali contidas. Além disso, outra obra também aplicada no projeto foi *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais,* de Augusto Triviños. As colocações do autor no material puderam oferecer uma base teórica do que é o Estudo de Caso, suas subdivisões e como este pode ser aplicado, não só dentro do jornalismo, mas também em diversas áreas.

Segundo Augusto Trivinos (1987), o Estudo de Caso baseia-se em uma pesquisa mais aprofundada sobre determinado objeto de análise. A partir dessa explicação, pode-se depreender que o ensaio de determinado tópico, realizado pelo interpretante, vai além do senso comum, ou seja, considera além do que grande parte consegue observar.

Seguindo esse parâmetro, a cobertura jornalística sobre a Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Morro do Alemão, realizada pelo telejornal Jornal Nacional e pelo jornal impresso O Globo, com apoio do documentário Complexo sobre o fato produzido e exibido pela Globo*play*, plataforma de *streaming,* sendo todos esses veículos mencionados pertencentes ao Grupo Globo compõem o objeto de estudo, analisado pelo método de estudo de caso nesse trabalho. Pesquisar, estudar e integrar-se sobre o assunto é fundamental para a sociedade e todos os interessados no fato estarem bem informados sobre o caso.

Além disso, tem-se a questão do Estudo de Caso ser comparativo. Nesse caso, o observador estuda e analisa determinado objeto baseando-se em objetos anteriores. É um

processo analítico em que pode haver a exclusão de fatores. Dessa forma, o analista ao avaliar um objeto preliminar, tem o poder de excluir questões que acredita não serem interessantes e importantes para serem pontuadas.

> Um aspecto interessante do Estudo de Caso é o de existir a possibilidade de estabelecer comparações entre dois ou mais enfoques específicos, o que dá origem aos Estudos Comparativos de Casos. O enfoque comparativo enriquece a pesquisa qualitativa, especialmente se ele se realiza na perspectiva histórico-estrutural. Em geral, esta linha de investigação segue os passos do método comparativo, descrevendo, explicando e comparando por justaposição e comparação propriamente dita os fenômenos. Poderiam ser exemplos de Estudos Comparativos de Casos assuntos como os seguintes: a preparação para o trabalho em escolas de vila popular e de zona de classe social alta; a inter-relação na sala de aula de professores e alunos de meios sociais baixos e elevados; o comportamento de meninos, em relação ao sexo feminino, em escolas co-educacionais ou mistas e em escolas exclusivamente para homens. (TRIVINOS, 1987, p. 136)

Levando o apontamento do autor em consideração, observar casos anteriores, pode levar o examinador a realizar produções ainda mais completas e complexas. O que antes pode não ter sido pensado, avaliado, poderá vir a ser uma questão nesse momento. Aquele que observa o caso, pode apresentar construções histórico-sociais diferentes do observador anterior. Em vista disso, os olhares são diferentes, únicos e pessoais.

Um indivíduo que mora na cidade do Rio de Janeiro, na zona sul da cidade, não consegue ter o mesmo ponto de vista sobre diversos assuntos sociais que um morador de uma favela carioca, tal como o Morro do Alemão.

É importante salientar que essa perspectiva não deve ser interpretada como: o morador da favela é menos informado ou algo que possa lhe diminuir, mas sim como um cidadão que não possui os mesmos privilégios e experiências que um morador da Barra da Tijuca. O espaço no qual estão inseridos, faz com que a ótica sobre tudo e todos seja diretamente influenciada. Nesse sentido, para conseguir compreender a visão do outro, deve-se abster de posicionamentos já construídos a partir da realidade vivenciada.

Augusto Triviños também leva em consideração que o Estudo de Caso pode possuir pesquisa qualitativa ou quantitativa. De acordo com o artigo Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais, de Arilda Schmidt Godoy, uma abordagem qualitativa dispõe de três diferentes possibilidades de se fazer pesquisa, sendo estas documental, estudo de caso e etnográfica. Em um primeiro momento, uma pesquisa qualitativa de documentos, Godoy explica que trata-se de um estudo amplo, o qual inclui livros, revistas, jornais, gráficos, diários, obras literárias, entre outros. Enquanto isso, sobre o estudo de caso quando este confere-se como qualitativo, o objeto é o que será analisado de forma profunda, sendo assim, realiza-se um exame

detalhado sobre este mesmo objeto. Por outro lado, a pesquisa qualitativa etnográfica, abrange a descrição dos fatos que ocorrem em um grupo, analisando, dessa forma, os comportamentos sociais e particulares dos indivíduos participantes de um grupo.

Partindo dos conceitos apresentados anteriormente e baseando-se no Estudo de Caso, para Triviños, "O estudo de caso na pesquisa quantitativa caracteriza-se fundamentalmente, do ponto de vista da medida dos dados que ele apresentava, pelo emprego, de modo geral, de uma estatística simples, elementar." (TRIVIÑOS, 1987, p.133), diferentemente da pesquisa qualitativa em que, segundo o autor, questões como hipóteses e perguntas são discutidas não pela sua importância, mas por necessitar de uma discussão mais complexa e que demanda estudo mais aprofundado sobre o assunto.

> O importante é lembrar que no Estudo de Caso qualitativo, onde nem as hipóteses nem os esquemas de inquisição estão aprioristicamente estabelecidos, a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda no assunto. A simplicidade dos primeiros passos do investigador, tanto do noviço, como do experiente, pode conduzir o primeiro, o pesquisador incipiente, para apreciações equivocadas sobre o valor científico de seu trabalho. Este, por outro lado, marcado mais que outros tipos de pesquisa qualitativa, pela implicação do sujeito no processo e pelos resultados do estudo exige severidade maior na objetivação, originalidade, coerência e consistência das idéias. (TRIVIÑOS, 1987, p. 134)

Por meio da pesquisa qualitativa, o investigador do objeto de estudo pode utilizar de duas categorias que o auxiliam na coleta de dados, sendo elas: o Estudo de Casos observacionais e o Estudo de Caso denominado História de Vida. Respectivamente, observa-se o participante, ou seja, a parte de um objeto de estudo a ser analisado. Sendo assim, ao seguir nesse tipo de pesquisa, o observador pode já seguir com propósitos já definidos, no entanto, “deve entrar em contato com as organizações e, talvez, com elas resolver o que mutuamente se considera importante para trabalhar. É verdadeiro que nem o investigador nem a organização desejam envolver-se em atividades que a ninguém interessam.”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 135).

Em seguida, a segunda categoria diz respeito, o autor diz que, geralmente, utiliza-se dois tipos de personagens para se realizar uma entrevista semiestruturada, em que o primeiro é alguém que apresenta um relevo social e o segundo uma pessoa popular. Vale ressaltar que, apesar de a entrevista ser uma das alternativas usadas na História de Vida, há ainda a possibilidade de analisar documentos, obras, bem como realizar entrevistas com indivíduos vinculados ao sujeito.

Logo, o Estudo de Caso como apresentado pelo autor trata-se da tentativa de encontrar no objeto de estudo algo que o observador deseja, seja um objeto físico, como uma

escola, por exemplo, ou até mesmo um fato histórico já ocorrido, como o caso que está sendo estudado neste presente trabalho: “A ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão”.

Seguindo o caminho da pesquisa, foram empregados outros livros, especialmente a obra *50 anos de Telejornalismo*, da Editora Globo, em que há um capítulo que relata a Invasão no Complexo do Alemão, quais eram os profissionais envolvidos durante a apuração e bastidores da cobertura dos fatos que ali estavam acontecendo, bem como pequenas ilustrações e relatos dos jornalistas. Além disso, o livro também traz memórias de profissionais que perderam suas vidas durante a guerra no Complexo carioca.

Outra referência importante *foi Quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro,* de Andrelino Campo. Por meio desse conteúdo, foi possível captar informações sobre as favelas brasileiras, o universo em que estes ambientes estão inseridos, tal como são abordados e reconhecidos.

Por meio da leitura desses e outros materiais, foi possível alinhar questões, oferecendo coesão e coerência para o projeto como um todo. Ao utilizar as teorias do jornalismo e outros referenciais teóricos para analisar matérias jornalísticas produzidas durante a invasão, esta pesquisa possibilita compreender e demonstrar a forma como a imprensa tratou o fato, tornando-o um caso nacional.

Com essa pesquisa e apuração detalhadas, este estudo pode ser considerado como referência de um fato histórico brasileiro que atinge, de certa forma, a sociedade e outras comunidades até os dias atuais. Por meio deste estudo, também foi possível verificar a forma que a imprensa começou a trabalhar com esse tipo de assunto e como passaram a ser as produções jornalísticas sobre casos policiais e de segurança pública.

CAPÍTULO 1 - FAVELAS CARIOCAS

No Brasil, as favelas cariocas remontam ao período colonial. No ano de 1808, cerca de 30% da população fora expulsa de suas casas para dar moradia aos acompanhantes da Família Real Portuguesa. Com a intenção de permanecer no centro da cidade do Rio de Janeiro, centenas de famílias passaram a residir em habitações coletivas, denominadas cortiços (CAMPOS, 2005).

Simultaneamente, naquela segunda metade do século XIX iniciaram-se fortes movimentos para pôr fim a escravidão. Enquanto alguns escravos conseguiam a Carta de Alforria, que os libertava, outros acabavam fugindo para os quilombos. Nesse contexto, no ano de 1880 diversos quilombos abolicionistas já tinham se estabelecido na periferia do Rio de Janeiro, como a chácara do Sr. Le Bron, atual Leblon, o Quilombo da Penha, atualmente Vila do Cruzeiro no "Complexo do Alemão", e o Quilombo da Serra dos Pretos Forros, que acaba dividindo Jacarepaguá do Grande Méier (CAMPOS, 2005).

Com a assinatura da Lei Áurea pela então Princesa Isabel que pôs fim ao regime de escravidão, em 1888, os negros estavam libertos perante a lei. No entanto, não haviam sido criadas políticas de inserção dos ex-escravizados no mercado de trabalho ou de garantias básicas de sobrevivência como alimentação, moradia e saúde. Por esse motivo, esses grupos acabaram migrando em massa para as cidades sem condições de alugar ou comprar moradias e acabam se alojando em cortiços, antigos quilombos, além de construírem moradias em áreas ilegais e desvalorizadas de morros, pântanos e grotas (CAMPOS, 2005).

Com as demolições dos cortiços do Centro do Rio de Janeiro, entre 1902 e 1906, sem indenização, os moradores passam a ocupar os morros mais próximos. Soma-se a isso o crescimento acelerado da cidade naquele começo do Século XX sem que o Estado conseguisse construir habitações populares suficientes para acomodar o fluxo de imigrantes. Como os salários não possibilitavam que aquela população negra, pobre, iletrada e desprovida de capacitação profissional conseguisse melhores empregos e se instalasse em moradias formais, a solução foi construir casebres em terrenos ilegais, inclusive por serem viáveis geograficamente, permitindo morar próximo aos locais de trabalho. O que se viu foi uma construção progressiva e sem regras (CAMPOS, 2005).

> A palavra "resistência" é a mais adequada aos milhares de indivíduos que escolheram dirigir as associações de moradores ou aqueles que moram nas favelas por não conseguir arcar com os altos preços de residir na cidade formal ou, melhor, nos quilombos transmutados em favelas. (CAMPOS, 2005, p. 154)

Devido às construções serem feitas sem um planejamento adequado e estudo do local, os moradores acabaram criando uma geografia particular em cada comunidade. Por esse motivo, aquelas ocupações geraram novos problemas, tais como mortes por contenções de encostas que sofreram deslizamento, canalização de rios e valas que transbordaram ou foram rapidamente perdidas, como os sistemas de esgoto na década de 1990 no "Complexo do Alemão". Vale ressaltar que algumas intervenções públicas conseguiam aperfeiçoar as condições socioeconômicas dos moradores, enquanto outras foram vistas apenas como uma

forma de ampliar o controle social, tal como a facilitação do acesso ao território pela polícia. (CAMPOS, 2005).

> As estratégias de sobrevivência pelas massas pobres, seja nos cortiços localizados na área central da cidade, seja nas favelas (espaços contemporâneos), em face das várias intervenções do Estado, colocaram-nas sempre em condição de conflitos eminentes com o poder público. Esse estava quase sempre associado aos interesses dos grupos socialmente dominantes. A apropriação do espaço pelos mais pobres, era (e é) considerada como uma transgressão ao ordenamento do solo urbano. (CAMPOS, 2005, p. 22)

A partir desse exposto, Campos (2005) pretende afirmar que as estratégias de sobrevivência por parte desses grupos, era se inserir em campos mais isolados do centro da cidade, nas encostas e morros, atualmente denominadas favelas, visto que o Estado não oferecia recursos suficientes para mantê-los em ambiente mais estruturados e preparados, além da questão discriminatória que sofriam por parte da sociedade dominante ou seja, a elite brasileira.

CAPÍTULO 2 - O COMPLEXO DO ALEMÃO

O Complexo do Alemão é composto por 17 favelas [1] localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro, a qual era visada por ser uma região de alta periculosidade. Originada na década de 1920, assim como o portal Voz das Comunidades relata a história do local.

> Segundo moradores, na década de 1920, o imigrante polonês Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu terras na Serra da Misericórdia, que era então uma região rural da Zona da Leopoldina. O proprietário era referido pela população local como "o alemão" e logo a área ficou conhecida como Morro do Alemão. (VOZ DAS COMUNIDADES, 2016, s/p)

O núcleo em si é o Morro do Alemão, mas poucos moradores sabem que o território é um bairro oficial da cidade carioca. A área é vista como parte dos bairros vizinhos, tais como Ramos, Olaria, Penha, Bonsucesso e Inhaúma. O bairro foi edificado sobre a Serra da Misericórdia, formação geológica natural de nascentes, que estão praticamente todas destruídas com a construção do Complexo.

Segundo o portal, a ocupação do terreno por moradores, no entanto, só iniciou em 9 de dezembro de 1951, quando o imigrante polonês acima citado, Leonard Kaczmarkiewicz, dividiu as terras para que fossem vendidas em lotes. Ali, antes do loteamento, funcionava o Curtume Carioca, onde se fabricavam artigos de couro e pele, como também foram instaladas

[1] No portal Voz das Comunidades o Complexo do Alemão é composto por 17 favelas, no entanto no livro JN: 50 anos de telejornalismo revela-se que o Complexo é formado por 40 comunidades.

indústrias química, metalúrgicas e de agropecuária. Com isso, famílias de operários das fábricas da época também se instalaram nos intermédios.

O Voz das Comunidades explica que a abertura da Avenida Brasil, no ano de 1946, acabou transformando a região no principal polo industrial da cidade. O comércio e indústrias foram crescendo e se modificando com a ocupação de forma desorganizada dos morros próximos, que se expandiram no primeiro governo de Leonel Brizola, cedendo espaço para as favelas do Complexo do Alemão. Brizola, herdeiro político de João Goulart e Getúlio Vargas, foi governador do Rio Grande do Sul no começo dos anos de 1960, estado no qual iniciou sua carreira na política, e do Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990.

> O Complexo do Alemão possui uma ocupação com diferentes padrões construtivos. Quando é possível avistar o alto do Morro percebemos casas de madeira, em ocupação ainda dispersa e aparentemente recentes (principalmente em direção à Serra da Misericórdia). Na lógica de ocupação inicial dos morros, quanto mais alta a casa e mais longe das vias principais, mais barata é a construção e mais pobres são as pessoas que lá residem. À medida que nos aproximamos das vias principais a densidade construtiva aumenta, uma profusão de becos e vielas dá acesso à um sem números de construções. A proximidade de valas a céu aberto ou a estabilidade do solo podem dar origem a construções mais pobres e precárias do ponto de vista construtivo. Da mesma forma, o abastecimento de água, a coleta de lixo e esgoto também são fatores de diferenciação socioeconômica. (CAVALCANTI, 2017, p.7)

O processo de pacificação desse território tornou a vida dos moradores mais tranquila e com maior qualidade. Logo após a pacificação, a Favela do Alemão ganhou um teleférico, inaugurado em julho de 2011, que foi construído de acordo com o modelo que existe na cidade de Medellín, Colômbia. No total, são 152 cabines que transportam dez passageiros cada uma. O popularmente conhecido “bondinho” liga a parte mais baixa até ao alto da favela carioca, partindo da Estação de Bonsucesso. Atualmente, o trajeto possui seis estações, sendo elas: Bonsucesso, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Morro do Alemão, Itararé e Palmeiras. O Complexo é um bairro movimentado e conta com uma diversificada agenda de diversas atividades culturais, entre elas estão dança, música, fotografia, poesia e arte.

3.1. A INVASÃO DO COMPLEXO DO ALEMÃO

Segundo Palermo (2014, p. 123) as ações policiais nas favelas do Alemão foram retratadas como resposta do governo do estado a uma sequência de ataques violentos que ocorreram na cidade carioca no final do ano de 2006.

O autor (2014) estruturou seu artigo Da “Guerra” no Complexo do Alemão à Ocupação da Favela Santa Marta: aspectos de uma política de segurança pública por meio de informações divulgadas por uma parcela da grande imprensa. Seguindo essa linha, ele considera que é justo declarar que o Morro do Alemão foi eleito como um dos principais objetos da política de segurança do governo Sérgio Cabral, tendo em vista, de forma cada vez mais intensa, que a região passou a receber constantes operações policiais, o que acabou por repercutir em aumento de matérias jornalísticas que divulgaram ações violentas contra criminosos envolvidos no comércio de drogas no local.

Normalmente, o jornalismo policial informa sobre fatos que chocam grande parte da população, como ataques violentos que geram alarde e preocupação na sociedade. Como o jornalismo tem, entre seus objetivos, informar sobre os acontecimentos, não é surpresa que a ocupação do Morro do Alemão despertaria o interesse da imprensa para relatos acerca de uma possível crise na segurança da cidade.

De acordo com Luciano Teixeira Paula (2011, p. 9-10) o conflito da Vila do Cruzeiro e Complexo do Alemão, ocorrido em novembro de 2010, foi um evento de grande destaque e, por esse motivo, acabou ganhando uma cobertura jornalística especial. Desde o dia 26 de novembro de 2010, os telejornais e jornais impresso acabaram dando importância para o fato, incluindo coberturas ao vivo e programas especiais.

Durante os dias de confronto, ele cita que houve *flashes* ao vivo na programação das emissoras de televisão, parte disso se devendo à novidade do fato, expulsão dos traficantes dos morros para iniciar o processo de pacificação, em uma operação que envolvia forças policiais e militares tais como Marinha, Polícia Militar, Polícia Civil e Exército.

As produções jornalísticas da época revelavam a forma como os acontecimentos estavam sendo vistos e noticiados. Os telejornais, jornais da época e *sites* de notícia usavam técnicas especiais de produção, como câmeras de alta qualidade, recursos de tecnologia, entre outras ferramentas. Além disso, o autor enfatiza a produção de coberturas ao vivo e programas especiais realizados pelo Jornal Nacional, principal noticiário televisivo brasileiro. Tais coberturas que não eram apenas focadas na ocupação em si, mas em todo o entorno do complexo, tiroteios e fugas, por exemplo.

> O ápice deste “espetáculo midiático” deu-se com as imagens, transmitidas ao vivo pelas emissoras de televisão, de dezenas, quiçá centenas, de indivíduos fugindo das tropas que irrompiam as barricadas em viaturas blindadas do Corpo de Fuzileiros Navais, seguidas dos famosos “caveirões” 14 do BOPE, em direção aos grotões do Complexo do Alemão e dispersando-se nas infinitas vielas, becos e morros da região. (FARIAS, 2017, p. 33)

A produção de matérias com imagens, sendo transmitidas ao vivo para o público pelas emissoras de televisão mostrava a fuga dos criminosos, como bem destaca Farias (2017). Isso acaba, por si só, levando apreensão ao público que se sente impactado pelo que está sendo apresentado, concentrando-se nas imagens e permanecendo a assistir ao telejornal. Da mesma forma que, nos veículos impressos, a utilização de detalhamento dos fatos faz com que o leitor crie um imaginário sobre os acontecimentos que circundam o fato descrito na página de um jornal, por exemplo.

Observando-se a questão social enfocada nas matérias policiais, percebe-se que, na maioria das vezes, a principal informação é sobre o fato, havendo em alguns momentos a descrição dos personagens, mas isso nem sempre se torna objetivo principal da matéria:

> O que se observa no jornalismo policial é que muitos mortos não têm história. Eles simplesmente morrem – muitos nunca nem foram vistos como sujeitos de direitos pela imprensa. A falta de humanização no jornalismo policial termina por banalizar os casos de violência que só se multiplicam. Enquanto o jornalismo tratar uma morte como apenas uma morte, não haverá avanço nas políticas públicas sociais. (SINESIO; MOURA, 2015, p. 6)

Além desse olhar sobre os personagens de uma notícia policial, as autoras (2015) também discutem sobre a questão da postura do profissional, o jornalista em si. Para Sinésio e Moura (2015, p.12) o jornalista deve estar comprometido com a verdade, mas também com o social. Se houver julgamentos prévios sobre um fato, injustiças podem ser cometidas por parte do profissional. É importante conhecer as histórias a fundo, pois, ao noticiar as mortes, convém contextualizar o fato, entender o porquê de elas terem acontecido, qual a causa que levou ao crime.

"A midiatização de certos casos de violência urbana transforma a experiência e o sentimento de insegurança em discursividade que contagia toda a sociedade, atuando de modo protagônico na produção social do medo" (CRUZ, 2014-2015, p. 36). Segundo a autora (20150, a mídia acaba por protagonizar a produção do medo na sociedade em momentos de violência urbana. A tática utilizada pode ser classificada como uma ferramenta de busca pela audiência.

Esse tipo de midiatização de violência explícita levantado por Cruz (2015), revela que a busca pela audiência é o ponto principal para os canais de comunicação. Alcançar uma grande quantidade de público torna o veículo cada vez mais reconhecido. É o que se pode explicar com base nos níveis de audiência do Jornal Nacional e na quantidade de assinantes do O Globo, por exemplo.

A relação entre audiência e credibilidade do veículo é direta e é o que os órgãos de imprensa procuram manter caso já se tenha algum tipo de reconhecimento pelo serviço prestado, ou buscam essa característica por meio de suas produções, sejam elas grandes ou pequenas. Desse modo, quando a mídia aborda conflitos sociais, tais como os que ocorrem no Rio de Janeiro, os formatos são definidos a partir da elaboração simbólica exercida pela linguagem.

> Ressalta-se que as representações são sempre processos de apreensão e elaboração simbólica que se exerce com e sobre a linguagem. E nesse sentido há o conflito entre as vozes hegemônicas pelas classes dominantes que sempre costumam dar pouca visibilidade aos segmentos da sociedade, também na mídia. Para muitos especialistas em violência a relação da mídia com a barbárie é quase simbiótica para atrair audiências. (TEIXEIRA, 2013, p. 71)

Assim, a questão da utilização de cenas que retratam a violência urbana acaba, por si só, atraindo o público, visto que durante a elaboração desse tipo de pauta jornalística, os próprios produtores visualizam uma estratégia que possa garantir que o leitor ou o telespectador assista ao material e se interesse pelo assunto.

Essa questão de manter a audiência sempre ativa e positiva não reflete apenas as produções jornalísticas, mas também a teledramaturgia e os seriados que exprimem esse tipo de abordagem. Um exemplo de novela que abordou a questão da invasão do Morro do Alemão foi “Salve Jorge”, produzida pela TV Globo e exibida no horário nobre das 21 horas, no ano de 2012. A trama baseava-se na questão do tráfico de pessoas de forma mais incisiva, no tráfico de drogas e nas operações das Forças Armadas no Complexo como um segundo plano. A maior parte da novela se passava em núcleos opostos quanto ao nível econômico. Enquanto uma parte do enredo acontecia em cenários mais sofisticados, outros conviviam no Morro do Alemão, compartilhando dificuldades, desafios e a vida cotidiana de uma favela carioca.

Voltando para o cenário jornalístico, as produções realizadas pelas televisões e impressos conseguem, de forma natural abordar situações de crises sociais, já que informam sobre os fatos, os acontecimentos. Com a chegada das redes sociais, isso tornou-se ainda mais recorrente.

Tornaram-se frequentes os áudios e cenas capturadas pelos próprios internautas que revelam cenas de crimes nas cidades. Ao distribuir esses materiais, os canais jornalísticos não ficam restritos a esse tipo de compartilhamento, mas passam a dividir espaço com as redes sociais por meio de perfis pessoais dos cidadãos que possuem contas em plataformas tais como *Instagram*, *Twitter* e *Facebook,* grupos de *WhatsApp* em que também propagam esse

tipo de conteúdo. Porém, esse compartilhamento desenfreado, muitas vezes, atrapalha a checagem e averiguação das informações pelos jornalistas, pois, devido à instantaneidade da internet, a apuração dos fatos é feita rapidamente pela imprensa, atualizando-se posteriormente as informações. Quanto aos internautas, esses replicam mensagens, sem checar, pois, apenas têm a intenção de divulgar rapidamente, sem verificar a veracidade das mesmas.

Por esse motivo, a publicação de informações sem apuração, ou até mesmo distorcidas e baseadas no sensacionalismo, de um caso como o da Ocupação do Morro do Alemão e da Vila do Cruzeiro, poderia dificultar as investigações e ainda provocar pânico no leitor e telespectador. Prepondera esse tipo de argumento pois, produtores e emissores de relatos não verídicos, na grande maioria das vezes, têm como intenção ganhar mídia, e não verdadeiramente informar sobre determinada ocorrência.

CAPÍTULO 3 - TEORIAS DO JORNALISMO

Relacionando os conceitos das teorias do jornalismo com a Ocupação da Vila do Cruzeiro e do Morro do Alemão, pode-se entender, com base na leitura do livro de Felipe Pena (2005), Teoria do Jornalismo, que os processos pelos quais os jornalistas, imprensa e veículos de comunicação utilizaram para informar sobre o acontecimento carioca de 2010, passam por tais teorias.

Partindo da teoria do espelho, na qual o jornalista é um mediador desinteressado, cujo objetivo é visualizar o que está acontecendo e manifestar um relato sobre suas observações, ao mesmo tempo em que não se pode deixar levar por opiniões pessoais, buscando ao máximo, ser imparcial diante do seu enunciado. Esse conceito está associado à invasão do Morro do Alemão, pois os jornalistas ao cobrirem o fato, por exemplo, não podiam esboçar qualquer tipo de opinião sobre a entrada das Forças Armadas no Complexo, ou até mesmo sobre os ataques violentos que persistiram durante os dias da invasão.

Por ser uma situação em que o profissional estava ali para cobrir e apresentar os detalhes do fato, a teoria do espelho representa, de forma enfática, esse tipo de posicionamento: tornar-se isento diante dos episódios ali ocorridos. Todavia, como já estudado no jornalismo, a isenção é impossível, visto que, mesmo o jornalista tentando se abster de opiniões pessoais, a forma como conecta uma informação à outra ou contextualiza o fato já demonstra uma visão pessoal. Percebe-se isso na prática. Uma mesma informação é transmitida de diferentes formas, tanto na televisão, no impresso, quanto no *online*. Isso não é

algo que está relacionado apenas ao tipo de veículo, mas também à linha editorial do veículo e aos profissionais que estão ali trabalhando com a informação.

Apesar de os jornalistas não poderem dar opiniões quando realizam grandes reportagens, a emoção, em alguns momentos, faz parte das coberturas analisadas, principalmente quando o Complexo do Alemão havia sido pacificado, como relata a repórter Bette Lucchese, no livro *Jornal Nacional: 50 anos de Telejornalismo:*

> Não tínhamos noção do que conquistaríamos. A Ana Paula Araújo, que estava ao vivo no estúdio, nos chamou. Éramos a primeira equipe de televisão a transmitir ao vivo do alto de uma das comunidades ocupadas. Tivemos sorte? Só conseguimos fazer duas entradas ao vivo. Mas, inexplicavelmente, a conexão deu certo nos momentos mais significativos: o anúncio da ocupação na parte mais alta e o hasteamento das bandeiras do Brasil e do estado do Rio de Janeiro. (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 221)

Com relação à teoria do *newsmaking*, segundo Felipe Pena, Mauro Wolf e Nelson Traquina entendem e sistematizam essa teoria como sendo aquela que leva em consideração critérios de noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, rotinas de produção e construção de audiência. Sendo assim, a teoria propõe algo mais construtivo e rejeita, de forma clara, como Pena (2005) explica, a teoria do espelho.

O método utilizado enfatiza o caráter convencional das notícias, assim como Pena (2005) explica, admite que elas informam e têm referência na realidade. Todavia, essa mesma teoria ajuda a construir essa mesma realidade, além de possuir uma lógica interna de constituição que acaba por influenciar todo o processo de construção de uma notícia.

Assim como Mauro Wolf (2012) afirma em seu livro, *Teorias da Comunicação*, a teoria do *newsmaking* apresenta três vertentes principais: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. Do mesmo modo, Wolf (2012) também leva em consideração as ideias da socióloga Gaye Tuchman, uma das mais respeitadas do *newsmaking.* Para a socióloga, o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial. Ela apresenta procedimentos próprios e limites organizacionais. Consequentemente, ainda que o jornalista seja um participante ativo na construção da realidade, não existe uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim, esse profissional acaba por se submeter a um planejamento produtivo, o que acaba por diminuir, por exemplo, o arquétipo da “manipulação da notícia”.

Desta forma, assim que o jornalista apresentar uma suposta intenção manipuladora, esta logo será superada pelas imposições da produção jornalística. É o que explica Pena ao

afirmar que as normas de produção da informação têm maior importância do que as preferências pessoais na seleção e filtragem das notícias.

> Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do *newsmaking*. Como explica Tuchman, a atividade jornalística é extremamente complexa, apesar de seu objetivo parecer simples: fornecer relatos de acontecimentos significativos e interessantes. (PENA, 2005, p. 130)

A partir dessa citação, o autor (2005) pretende explicar de que forma a questão da imprevisibilidade na rotina jornalística acaba por atingir a ordem do tempo e do espaço dentro de uma empresa jornalística. Por exemplo, quando um jornalista se depara com um acontecimento de grande importância e relevância para aquele veículo, porém não tem tempo hábil para checar todas as informações relevantes, logo este deve partir para uma fonte, possível entrevistado, mais próximo daquele fato. Alguém que realmente saberá falar, de forma mais completa possível, o que aconteceu no fato em pauta. Essa é a questão pela qual a teoria do *newsmaking* se pauta, a noticiabilidade. Ela, por si só, como explica Pena (2005) em seu livro, é negociada por repórteres, editores, diretores e outros profissionais de uma redação.

De forma concisa, a noticiabilidade baseia-se nos valores-notícias, critérios e operações que definem quando os acontecimentos são significativos e interessantes o suficiente para serem veiculados.

Esses valores são utilizados para dar sistematização ao trabalho, divisão de demandas dentro de uma redação que, por meio desta, executa o processo de forma mais estruturada. Ou seja, qualquer jornalista saberá dizer o que realmente é algo noticioso e o que não é de acordo com o senso comum. Esse discernimento, quando contextualizado no processo produtivo, adquire significado e função, e acaba se tornando dados evidentes para os profissionais que estão envolvidos no processo.

> Para Tuchman, no entanto, a notícia é elaborada de acordo com a lógica estabelecida pelo formato, e há sempre uma recontextualização de seu foco durante a edição. Mesmo assim, ele arrisca uma sistematização das notícias de acordo com o tipo de matéria (reportagem), embora admita que as fronteiras são frágeis e podem levar a uma falsa ideia de rigidez na redação. (PENA, 2005, p. 131)

Além disso, Felipe Pena (2005) faz um alerta quanto a essa teoria. Para ele, o paradigma da construção social da realidade chega a ser tributário da sociologia do conhecimento. No entanto, é necessário analisar os aspectos que acabam por interagir com essa referência. Analisando dessa forma, Pena (2005) cita que, conforme Peter Berger e

Thomas Luckmann (2014), no livro, *A construção social da realidade*, não se pode existir fatos na vida cotidiana sem que o participante esteja continuamente interagindo e em comunicação com os outros agentes também participantes. Assim, quando Berger e Luckmann (2014) referem-se aos outros, não se fixam apenas em indivíduos, mas sim de instituições, culturas e outras forças sociais que ali estão presentes.

Contudo, Pena (2005) afirma que nesse sentido, não é possível encarar os pressupostos de rotinas dentro do trabalho, do processo de produção e da cultura jornalística como sendo pontualmente determinantes. O autor (2005) frisa que esses não são uniformes e imutáveis, existem espaços de manobra para profissionais e eles estão localizados com os agentes sociais.

Enquanto isso, na teoria de *gatekeeper*, o próprio jornalista faz o papel de portão ou cancela, decidindo se a informação será publicada ou se ela será bloqueada. Para que esse profissional conseguisse realizar essa aprovação ou não, o teórico David Manning White anotou os motivos que levaram os jornalistas a rejeitar tais informações.

> De cada dez despachos, nove foram rejeitados. Das 1.333 explicações para a recusa de uma notícia, cerca de oitocentas referiam-se à falta de espaço, trezentas foram consideradas repetidas (sobrepostas à outras histórias já selecionadas) ou não tinham interesse jornalístico, e 76 não estavam dentro da área de interesse do jornal. Além disso, o pesquisador também concluiu que o fator tempo teve uma importância significativa, conforme a citação registrada por Nelson Traquina "É interessante observar que quanto mais tarde no dia chegaram as notícias, maior era a proporção da anotação 'sem espaço' ou 'serviria". (apud PENA, 2005, p. 134).

Analisando esse pressuposto, entende-se que o jornalista, além de ter o papel de transmitir uma informação, também é o responsável por selecioná-las, avaliando e apontando por quais motivos determinado assunto deverá ou não chegar ao receptor. Pena (2005) ainda cita em seu livro que a problemática do *gatekeeper* foi se estendendo e os estudos concentraram-se na maneira como a seleção é exercida, ou seja, analisando os contextos relativos à escolha de quem seleciona. "E um desses contextos é a organização profissional da redação.". (PENA, 2005, p. 135).

Seguindo a teoria de *gatekeeper*, surge uma outra, a chamada organizacional. Nela, o trabalho jornalístico depende dos meios utilizados pelas organizações, sendo o fator econômico o mais influente de seus condicionamentos. Dessa forma, Pena (2005) explica que o jornalismo é um negócio, e como tal, precisa de lucro. Dessa forma vê-se a importância da organização dentro de uma empresa, e o papel do comercial nesse espaço, pois sem ele poderia haver falência.

> Para começar, o espaço da publicidade é reservado na página antes das notícias. Os jornalistas só preenchem o que ficou vazio. E se vier um anúncio de última hora, qualquer matéria pode cair, ou seja, deixa de ser publicada. Na televisão, a lógica é a mesma. Embora o espaço para os anúncios já esteja determinado pelos intervalos comerciais, a lógica do veículo prioriza reportagens que atinjam o maior número de telespectadores, pois quanto maior a audiência, maiores as receitas publicitárias. Daí a opção pelo drama em detrimento da informação. (PENA, 2005, p. 136)

Analisando essa fala citada pelo autor (2005), é possível entender que, independentemente do canal, o espaço da publicidade tem a sua relevância, tendo em vista que a maior parte do faturamento dos veículos de imprensa vem desses espaços, advém de clientes, das marcas sendo divulgadas. Desta forma, o fato de matérias jornalísticas serem "derrubadas" quando surge um novo material publicitário é algo comum nas empresas jornalísticas e a decisão sobre as selecionadas para essa exclusão leva em conta, principalmente, critérios como a possibilidade de poderem ser transmitidas em algum outro momento, ou seja, a maior perenidade do conteúdo, sendo ainda noticiável mesmo após algum prazo, é um dos principais fatores de decisão. Nessas informações, a factualidade não é o principal definidor de sua divulgação, não havendo urgência que relacione a relevância e o valor do conteúdo.

Além disso, outro ponto importante apresentado pelo autor (2005), é o próprio posicionamento dos jornalistas dentro das organizações. Sendo assim, estando ciente da importância do faturamento publicitário, os profissionais da informação acabam se socializando com a política editorial da organização através de uma lógica de recompensas e punições, "ele se conforma com as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais.". (PENA, 2005, p. 136).

Concluindo, de acordo com a teoria, o jornalista exerce sua função de forma atrelada e compreensiva quanto à importância dos materiais de divulgação de serviços, projetos e produtos dentro de uma organização, levando em consideração a importância que isso traz, tanto para o canal, como para si.

Já a teoria gnóstica para o jornalismo, tal como explicada por Felipe Pena (2005), "é formada por uma estrutura gnóstica. Não no sentido religioso, mas sim no caráter fáustico e restritivo de seus costumes, vocabulário e ritos de iniciação" (PENA, 2005, p. 141). Dessa forma, compreende-se que para esta teoria, a cultura, os costumes e os ditos jargões pertencem a uma comunidade, no caso, a comunidade jornalística. Um exemplo é o termo "foca", que denomina no jargão das redações o novato na área, ou seja, é um termo utilizado nesse coletivo e, que apenas os inseridos e participantes, conhecem e recebem essa denominação.

Outra questão que pode ser levantada é o fator estrutural das matérias, que assim podem se assemelhar à questão gnóstica.

> As notícias têm uma estrutura de valores que são compartilhados pelos jornalistas entre si, embora carreguem ecos da interação com a sociedade. Esse compartilhamento é nitidamente uma operação gnóstica, com ritos de passagem e forte conotação de conhecimento secreto, só acessível a poucos iniciados, os próprios jornalistas. (PENA, 2005, p. 143)

O que Pena (2005) pretende clarificar nesse caso é que, apesar do corpo social, a própria comunidade, interagir com as notícias, elas ainda são estruturadas e compartilhadas pelos próprios profissionais, os quais carregam consigo questões até então desconhecidas pelo resto da comunidade, tal como explicado anteriormente a respeito dos jargões jornalísticos presentes na profissão. Posto isso, a presente teoria cria uma certa "comunidade", à qual é composta por termos e conhecimentos assimilados apenas pelos pertencentes daquele grupo, por mais que haja um mínimo contato com aqueles que estão do lado externo.

A respeito da teoria do agendamento, outra das teorias definidas por Pena (2005), esta defende a ideia de que os próprios consumidores se inclinam a considerar mais relevantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo assim que os meios de comunicação agendem as conversas: "Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos.". (PENA, 2005, p. 144).

Assim como o autor (2005) explica em seu livro, a hipótese da *agenda setting*, conhecida assim nos Estados Unidos, ele defende que a imprensa não pretende convencer, mas sim exercer influência da mídia nos diálogos, nas preocupações e atenções dos cidadãos, originando-se da dinâmica organizacional das empresas de comunicação, as quais apresentam culturas próprias e critérios de noticiabilidade.

> A temática da teoria do agendamento também representa a evolução de uma perspectiva quantitativa para uma abordagem representativa dos efeitos. O que vale é o significado daquilo a que as pessoas estão expostas e, também, o impacto dessa exposição, cuja frequência continuada e cotidiana influenciam na cognição. Nas palavras de Mauro Wolf, a passagem dos efeitos limitados para os efeitos cumulativos implica a substituição do modelo transmissivo da comunicação por um modelo centrado no processo de significação. A influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas. (PENA, 2005, p. 147)

Nesse sentido é o próprio consumidor quem define as pautas, os assuntos que sairão nas revistas, jornais e impressos, mas também são definidos por esses determinados assuntos e temas. Ou seja, a mídia, pela influência do público, deseja agradá-los à medida que estes

acabam por contribuir, de maneira indireta, quais serão as manchetes e conteúdo a serem pautados no dia em determinado veículo, os quais são apresentados pela imprensa e que, posteriormente, serão reconstruídos e reformulados de acordo com cada veículo de comunicação.

No tocante à teoria instrumentalista, esta diz respeito à imparcialidade pretendida pelo jornalismo. Nesse caso, o instrumentalismo parte de uma referência baseada nos chamados estudos da parcialidade, cuja intenção é verificar se há ou não distorções nos textos noticiosos. No entanto, Pena (2005) explica que há duas interpretações distintas para a mesma teoria: "Na versão da 'esquerda', as notícias são vistas como instrumentos para manter o *status quo* capitalista. Na versão da 'direita', elas são usadas para questionar o mesmo sistema.". (PENA, 2005, p. 148).

Além disso, Pena (2005) ainda afirma em seu livro que não é necessária uma análise mais intensa para verificar que a presente teoria, seja qual for a versão, acaba partindo de princípios epistemológicos presentes na teoria do espelho, citada anteriormente, explicando que se o objetivo é aferir distorções, ela aceita que é possível refletir sobre a realidade.

> Assim, os estudos da parcialidade, também conhecidos como *new bias studies*, não estão ligados a pressupostos de construção social da realidade, mas sim à factível possibilidade de sua reprodução. (PENA, 2005, p. 148)

Depreende-se então que, tal como dito pelo autor, ambas as versões, esquerda e direita, para a teoria, trabalham com pressupostos bem definidos. Todavia, enquanto uma acaba defendendo que o papel dos profissionais da imprensa configura-se na função de "cumprir ordens patronais", a outra crê que estes têm controle pessoal sobre a produção dos materiais noticiosos e estão dispostos a influenciar o noticiário defendendo suas ideias.

Para o Jornalismo, a teoria etnográfica segundo, Pena (2005) explica que uma das maiores dificuldades para esses profissionais é enxergar os fatos por diferentes ângulos. Sendo assim, como na metodologia etnográfica, é necessário que o pesquisador não só conheça profundamente o que está sendo estudado, mas também que se aproprie dela, até mesmo fazendo parte de sua dinâmica, para que assim haja compreensão do mesmo, afirmando que o instrumento para isso é a pesquisa de campo.

> Claro que um trabalho de campo sobre a cultura jornalística não chega a ser uma pesquisa sobre uma outra sociedade, mas o método etnográfico me parece pertinente na tentativa de entender por que as notícias são como são, pois a "tribo" dos jornalistas tem efetivamente seus próprios costumes e ritos. Nesse sentido, só vejo duas maneiras de empreender um estudo etnográfico sobre o jornalismo: 1. Se o pesquisador não tem afinidade com a cultura das redações, deve se integrar como um de seus membros antes de iniciar a pesquisa. 2. Se o pesquisador é jornalista,

> deve retirar-se do ambiente das redações por um bom tempo, adquirir uma visão externa sobre a profissão e, só então, retornar à redação para fazer a pesquisa de campo. Nas palavras de Roberto DaMatta, para vestir a capa de etnográfico, é preciso realizar uma dupla tarefa: transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. (PENA, 2005, p. 154)

A respeito disso, o autor pretende mostrar de que forma um profissional da imprensa deve realizar o seu trabalho para que este não seja totalmente influenciado pelas suas concepções de mundo. Assim, ele finaliza o capítulo da seguinte teoria considerando-a como "uma narrativa que não reflete o chamado mundo real, mas, na verdade, ajuda a constituí-lo. As notícias são a construção social daquilo que entendemos como realidade" (PENA, 2005, p. 153).

Sobre a teoria dos definidores primários, o autor explica que esta aproxima-se da concepção instrumentalista sobre a atividade jornalística, porém, reconhece que ela também é influenciada pela rotina produtiva. "Sua perspectiva de análise não está centrada na possibilidade de manipulação das notícias por parte dos jornalistas, mas sim no poder que fontes privilegiadas têm na construção dessas mesmas notícias.". (PENA, 2005, p. 155).

Sendo assim, as fontes citadas por Pena (2005) são aquelas que acabam dando credibilidade e uma certa legitimidade ao depoimento. Para exemplificar esta situação, o jornalista ao se deparar com uma manifestação sobre o aumento da passagem de ônibus de determinado município, por exemplo, vai em busca não só do povo que depende do transporte público, mas também de autoridades que possam oferecer dados e informações sobre o respectivo aumento, tal como o prefeito da cidade e a empresa que oferece o serviço.

Esse fator, assim como descrito por Pena (2005), faz parte de rotinas produtivas e da busca pela objetividade que o jornalismo requer. Logo, o profissional da imprensa no seu dia a dia, em busca de clareza, precisão e isenção nas informações, acaba buscando por fontes que irão trazer esse retorno, não só para a matéria em si, como também para o canal e o receptor.

No que diz respeito à teoria da Nova História, os teóricos acabam por defender uma nova atitude dos historiadores diante dos acontecimentos – aqui sendo considerados os jornalistas e o jornalismo como o relato cotidiano da história. O método utilizado fundamenta-se em interpretar as histórias não a partir dos eventos, "mas tomando como referência os pressupostos de formação desses mesmo eventos.". (PENA, 2005, p. 159).

> O que parece claro na abordagem da Nova História e talvez possa ser o elemento mais proveitoso jornalístico é, então, a implementação de uma nova atitude em relação ao evento, que obrigue o jornalista a ler não a partir de sua realização, mas tomando como base seus pressupostos de formação. E isto quer dizer definir métodos, reavaliar fontes, escolher unidades de observação, estabelecer relações

> entre os elementos e chegar a modelos de estudo, sem, entretanto, deixar de considerar as múltiplas variáveis. (PENA, 2005, p. 162)

Em vista disso, o autor (2005) pretende explicar que o profissional da imprensa, o jornalista, deve considerar a realidade como algo constituído de infinitas variáveis, ou seja, são diversas as suas construções. Por esse motivo, há a necessidade de analisar todas as hipóteses que circulam sobre determinado evento, assunto, chegando assim a uma conclusão mais factível, não pautada em apenas um único ângulo.

Em relação à teoria dos fractais biográficos ou a biografia sem-fim, esta refere-se às biografias, gênero narrativo pelo qual se utilizam técnicas jornalísticas e " vale-se de um pacto referencial de expressão da verdade com o leitor" (PENA, 2005, p. 161). Dessa forma, assim como explica o autor (2005), o relato biográfico produzido pelos profissionais da imprensa, na maioria das vezes, acaba tentando ordenar os acontecimentos de uma vida de forma acrônica, narrada, ou seja, com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente. Por esse motivo, Pena (2005) explica que:

> O conceito de fractal está ligado ao de autossemelhança. Dessa forma, ele também está inserido no conceito de infinitude, pois é possível verificar que a realocação das hipóteses sobre o personagem em outros fractais de referência também seria viável, já que a ideia básica é a de que cada pequeno fractal é uma cópia reduzida do grande, que, por sua vez, seria uma cópia reduzida do biografado. E, além de serem complementares e irregulares, essas subdivisões poderiam continuar de forma infinita, revelando novas e inexploradas visões sobre o indivíduo. (PENA, 2005, p. 166)

Diante disso, o autor (2005) explica que não existe um verdadeiro biografado, apenas pontos de vista sobre ele. O biógrafo é aquele que assume e privilegia esses pontos de vista, porém estes são aleatórios, baseados na própria viabilidade de acesso às informações.

Isto posto, os pressupostos teóricos desenvolvidos neste capítulo fundamentam a base para analisar e compreender a produção jornalística nesse estudo, logo, analisar reportagens e demais conteúdos produzidos durante a cobertura da invasão do Morro do Alemão pelas forças policiais e militares ocorrida no Rio de Janeiro em 2010.

O capítulo a seguir, destina-se a apresentar mais detidamente quais foram os recortes e depoimentos jornalísticos sobre a invasão que foram selecionados para compor o *corpus* do presente trabalho.

CAPÍTULO 4 - RECORTES JORNALÍSTICOS E DEPOIMENTOS DA OCUPAÇÃO

Os recortes jornalísticos analisados na execução desse trabalho foram as reportagens da cobertura da invasão ao Complexo do Alemão pela Rede Globo de Televisão, especialmente do Jornal Nacional, os depoimentos dos profissionais sobre a ocupação descritos no livro, *JN: 50 Anos de Telejornalismo*, matérias jornalísticas publicadas pelo jornal O Globo e o documentário realizado pela plataforma de *streaming* do Grupo Globo, o Globo*play*, que transmite relatos de pessoas que vivenciaram a ocupação.

Para realizar a análise dos materiais, foi aplicado o método de análise de conteúdo. Segundo o autor Triviños (1987), essa análise pode ser utilizada nos dois tipos de pesquisa, qualitativa ou quantitativa, no entanto com aplicações diferentes. No caso deste trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Dessa forma, assim como explica Triviños (1987), existem algumas etapas a serem seguidas para a realizar o método de forma assertiva. Para isso, o autor (1987) baseia-se nas três etapas no trabalho de análise de conteúdo definidas por Laurence Bardin (2018), professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris, a qual também aplicou técnicas no estudo das comunicações de massas. Dessa forma, as três etapas a serem empregadas são: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

Explicando cada uma delas, de maneira genérica, a pré-análise é a organização do material, ou seja, realiza-se uma leitura geral que, assim como exposto no livro:

> A leitura geral, que Bardin denomina "flutuante", de todo este material, permitiu aos investigadores, em princípio, três fatos fundamentais: formular os objetivos gerais da pesquisa, as hipóteses amplas da mesma e determinar o corpus da investigação que não é outra coisa que a especificação do campo no qual os pesquisadores deviam fixar sua atenção. (TRIVIÑOS, 1987, p. 161)

A segunda etapa, descrição analítica, inicia-se na pré-análise, mas nesse caso em específico, a gama de materiais documentais que constituem o corpo da pesquisa é submetida a um estudo, uma análise mais aprofundada, orientando-se pelas hipóteses e referenciais teóricos.

> De toda esta análise surgem quadros de referências que, no caso da investigação sobre os supervisores, são relativos aos pontos de vista, por exemplo, dos professores e mesmo dos supervisores, em relação a diferentes aspectos, como "imagem" do supervisor e "dificuldades" deste profissional na escola. A análise descritiva não ficou nesse plano geral e paralelo de opiniões. Com efeito, ela avançou na busca de sínteses coincidentes e divergentes de ideias, ou na expressão de concepções "neutras", isto é, que não estejam especificamente unidas a alguma teoria. (TRIVIÑOS, 1987, p. 161-162)

Por fim, na última etapa do método, interpretação inferencial, ainda segundoa obra de Triviños, diz que o pesquisador deve aprofundar sua análise, tratando de desvendar o conteúdo latente presente nos documentos examinados.

> Os analisadores do conteúdo latente, além do manifesto, têm também raízes idealistas, especialmente quando se realizaram as tentativas de interpretação dos livros e documentos sagrados, em primeiro lugar, e logo nas tentativas de desvendar pressupostos especialmente de natureza cultural, como os valores característicos dos indivíduos, sem outras vinculações. A tendência de índole materialista dialética do emprego do enfoque de análise de conteúdo apresentou-se quando surgiu com ênfase o estudo da ideologia e suas vinculações com variáveis complexas da vida social, como os modos e relações de produção e as classes sociais e suas formações históricas em determinadas sociedades. (TRIVIÑOS, 1987, p. 162)

Além da metodologia de estudo de caso, a análise de conteúdo também se baseou nas teorias do jornalismo, tal como citadas e explicadas anteriormente neste trabalho. Dito isso, as teorias do jornalismo forneceram o referencial teórico-técnico para as produções dos materiais veiculados durante e após a ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão, realizada em novembro de 2010, no Rio de Janeiro.

Iniciando a análise pela cobertura realizada pelo Jornal Nacional, tal como abordado no livro *JN: 50 Anos de Telejornalismo*, a Rede Globo do Rio montou uma estrutura para cobrir as operações policiais no Complexo de Favelas do Alemão, em novembro de 2010. Naquela época, uma série de ataques criminosos paralisava a cidade carioca. Tratavam-se de reações das facções criminosas ao projeto de segurança em implantação pelo governo do estado. Vale destacar que em dois anos, a política pacificadora havia implantado doze unidades de Polícia Pacificadoras, as UPPs, objetivando levar policiamento e segurança às comunidades da cidade.

> Era um cenário de país em guerra. As autoridades diziam que os ataques eram reação ao projeto de segurança pública do governo que, até aquele momento, havia implantado doze Unidades de Polícia Pacificadora, UPPs, levando policiamento permanente a comunidades do Rio de Janeiro. Expulsos dessas regiões, traficantes passaram a se concentrar no Complexo do Alemão, formado por quarenta comunidades, que abrangia dez bairros, habitado por 400 mil pessoas. Naquela semana, foram cem ataques. Folgas de policiais foram suspensas, e quem fazia trabalho interno nos quartéis foi mandado para a patrulha nas ruas. Nada surtia efeito. O sentimento era unânime: alguma coisa tinha que ser feita. Com urgência. (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 202)

Foi no dia 25 de novembro de 2010, momento da invasão, que a programação foi aberta para transmissões contínuas em todo o estado do Rio de Janeiro e, em alguns dias, a programação passava ao vivo para os telespectadores. Na rede, o Bom Dia Brasil apresentava os *flashes* ao vivo sobre o início das operações na Vila do Cruzeiro, contando com

profissionais do BOPE[2] e blindados da Marinha. Além disso, a cobertura com *flashes* ao vivo e entrevistas seguiu pelo Mais Você, programa matinal apresentado por Ana Maria Braga. No horário das 10 horas, a apresentadora Ana Paula Araújo entrou no ar e ficou ao vivo durante quase oito horas, como citado em um conteúdo publicado no Memória Globo, juntando-se ao apresentador Márcio Gomes e o ex-oficial do BOPE, Rodrigo Pimentel.

Os outros telejornais da emissora como Jornal Hoje, RJTV- 2ª Edição, Jornal Nacional e Jornal da Globo seguiram com a cobertura total da invasão, intitulada na época de Rio Contra o Crime. A Globo também espalhou diversos repórteres pelas ruas, que entravam ao vivo na programação dia e noite.

> O grande desafio, talvez o maior, era posicionar as equipes de externa com toda a segurança possível: repórteres, cinegrafistas, operadores. Na época, a maior parte dos sinais ao vivo era transmitida por geradores que também precisavam ser estacionadas e protegidas. Como os traficantes atacavam de forma aleatória, buscamos, em um primeiro momento, batalhões, delegacias, quartéis, hospitais. Alugamos carros blindados e pedimos acompanhamento de agentes de segurança. Boa parte do grupo já havia participado de treinamentos para situação de confronto, e todos - jornalistas e agentes - usavam coletes à prova de balas. A logística era complexa e as reuniões de planejamento exaustantes. (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 210)

No livro *JN: 50 Anos de Telejornalismo*, a cobertura da Globo focou em mostrar o caos que a operação causou na cidade carioca, contando com depoimentos dos cidadãos que estavam acompanhando o episódio da ocupação, jornalistas e cinegrafistas que estavam dentro do Complexo durante o embate, como também os repórteres que apresentavam as informações dentro dos estúdios Globo. Além disso, no livro há trechos que citam a mudança na escala da programação do telejornal, Jornal Nacional, o que demonstra o espaço aberto na emissora para ampliar a cobertura da invasão.

> A cobertura para o JN chegava a conter, diariamente, até sete reportagens de longa duração, intercaladas com entradas ao vivo dos nossos repórteres da editoria Rio, que atualizavam o público com as últimas informações. Para contextualizar e analisar os fatos, tínhamos sempre a palavra de especialista em segurança pública, que podiam ser entrevistados tanto em reportagens quanto ao vivo pelos apresentadores. (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 203)

Durante os três dias seguidos do caso – sexta, sábado e domingo – a Rede Globo fez a cobertura de toda a ação, pausando a programação fixa para transmitir ao vivo a ação da polícia. Chegando ao término da ocupação, na manhã do dia 28 de novembro, a emissora transmitiu ao vivo a finalização da operação das comunidades da Penha, com o Complexo do Alemão sendo ocupado.

---

[2] Batalhão de Operações Policiais Especiais – PMERJ.

> Minhas recordações desse importante episódio da história do Jornal Nacional são assim: lampejos de memória, conversas rápidas. A partir daquele telefonema, mais de duzentos profissionais foram tragados para o olho do furacão. Enfrentamos a tempestade e de lá saímos, quatro dias depois, com a cobertura premiada - "O Rio Contra o Crime" - a imagem clássica da fuga dos traficantes, a prisão do assassino do Tim Lopes, a bandeira do Brasil hasteada no alto do teleférico. (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 208)

A repórter Bette Lucchese também deu seu depoimento no livro "JN: 50 anos de telejornalismo" (2019) sobre a ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão, detalhando os desafios enfrentados pela equipe em transmitir o fim do poder no tráfico na região.

> Quando chegamos ao alto de uma das comunidades, veio a notícia: o Complexo do Alemão estava, finalmente, ocupado pelas forças de segurança. Nossa missão naquele dia histórico era gravar reportagens para os telejornais. Mas, Mário Lago Neto lembrou que tinha um equipamento no carro, que nos permitiria transmitir ao vivo. Incansável, Lago desceu e subiu o morro novamente, trazendo um laptop e uma câmera pequena. A paciência e a persistência dele, que andava pelas ruelas com o computador aberto em busca de um sinal de internet (era 2010), foram fundamentais. Não tínhamos noção do que conquistaríamos. A Ana Paula Araújo, que estava no estúdio, nos chamou. Éramos a primeira equipe de televisão a transmitir ao vivo do alto de uma das comunidades ocupadas. Tivemos sorte? Só conseguimos fazer duas entradas ao vivo. Mas, inexplicavelmente, a conexão deu certo nos momentos mais significativos: o anúncio da ocupação na parte mais alta e o hasteamento das bandeiras do Brasil e do estado do Rio de Janeiro. (LUCCHESE, 2019, p. 221)

Além dessa cobertura ao vivo da TV Globo, as matérias do jornal O Globo tanto foram publicadas no próprio portal quanto na versão impressa. Em todas as matérias, os jornalistas preocuparam-se com detalhes, imagens, bem como a descrição da atuação da polícia e das Forças Armadas no combate no Complexo do Alemão. Os materiais divulgados também apresentavam um tom poético, visto que alguns jornalistas procuraram, em alguns momentos, trazer para as matérias depoimentos em que os moradores que estavam preocupados e tensos com o momento, após a invasão e presença dos oficiais no Complexo, prendendo os traficantes, revelavam um sentimento de alívio advindos da possível paz após vivenciarem dias de guerra.

A matéria publicada no O Globo, no dia 23 de novembro de 2010, na página 17, intitulada "Polícia fará operações em favelas", de Fábio Fabrini (Anexo A) comenta sobre o pronunciamento do então secretário estadual de Segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, em que foi anunciado que a polícia faria novas operações nas favelas, devido aos diversos ataques ocorridos nos últimos dois meses.

A matéria e um *box* inserido na mesma página, com o título "Dois meses de ataque" (Anexo B), revelam que os suspeitos teriam provocado arrastões, além de interceptar e atear

fogo em carros que passavam pela Linha Vermelha na altura de Duque de Caxias, bem como incendiaram um carro da Aeronáutica.

O jornalista, durante a matéria (Dois meses de ataque", preocupou-se em inserir aspas do secretário Beltrame, oferecendo um sentido mais crível às informações e que afirmavam a posição e decisão do Governo do Estado sobre a ação dos policiais nos morros da cidade carioca. Essa técnica jornalística reforça a intenção de mostrar, por meio de dados e trechos literais de entrevistas com os envolvidos no fato, a credibilidade do material, bem como a intenção de transmitir conteúdos com apuração e comprovação, que não possam ser confundidos com falsas informações.

Analisando a matéria citada acima sobre a ação das Forças Armadas nas favelas em resposta aos ataques ocorridos dois meses antes, sob a ótica das teorias do jornalismo há aproximação com três delas: Teoria do Espelho, Teoria do Agendamento e Teoria dos Definidores Primários.

De acordo com a Teoria do Espelho, o jornalista torna-se imparcial e isento dos fatos e apenas relata o acontecimento, sem qualquer tipo de interferência. Nessa matéria não houve opinião ou perspectiva do próprio jornalista sobre o caso, apenas relatos. No que tange à Teoria do Agendamento, em que o próprio consumidor assume o papel de definidor dos assuntos, essa agenda acontece na matéria citada. Devido aos diversos ataques, os leitores do O Globo pretendiam saber e ficar informados sobre o acontecimento nos dias posteriores. Assim, o jornalista cumpre seu papel de informar o público, de acordo com o que está sendo solicitado e analisado pelos leitores. Por fim, a Teoria dos Definidores Primários, na matéria apresenta personagens que atribuem credibilidade ao material produzido, ponto importante que foi utilizado pelo jornalista ao publicar falas e citações do próprio secretário de Segurança, Beltrame, principal autoridade ouvida naquele momento, já que era o responsável direto pelas decisões governamentais na área de Segurança Pública.

Na mesma página da matéria acima analisada, outra reportagem também chamou atenção. Intitulada como "Carro é incendiado perto do Alemão", do repórter Gustavo Goulart (Anexo C), a matéria mostrou também o ataque dos criminosos que incendiaram um veículo próximo ao Complexo do Alemão. No decorrer da matéria, o jornalista utilizou recursos como o uso de detalhes para enriquecer o material, dando as características do veículo atingido, o horário do incidente e a distância do ataque. Goulart também fez uma breve descrição da reação do dono do carro. Para finalizar a matéria, o jornalista pontuou o processo de pacificação do Morro do Alemão que deveria ser concluído no ano de 2011,

citando também a inserção de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) na Rocinha e Manguinhos, duas grandes favelas do Rio.

Com relação à matéria de Gustavo Goulart, as duas teorias que mais se aproximaram foram a Teoria do Espelho e a Teoria dos Definidores Primários. No primeiro caso, a Teoria do Espelho é presente no material no sentido do relato dos fatos. O próprio jornalista busca, de forma detalhada, descrever os fatos sem qualquer tipo de interferência pessoal. Já com relação à Teoria dos Definidores Primários, ao usar da descrição do relato de um personagem que havia sido vítima do ataque dos criminosos, o jornalista enriquece o material, pois capta um posicionamento de alguém que vivenciou o atentado, um personagem que foi alvo da criminalidade que estava acontecendo na época no Rio.

No dia 24 de novembro de 2010, o jornal O Globo publicou, na página 17, a matéria "União do crime contra as UPPs", da jornalista Vera Araújo (Anexo D) focou na reação da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro sobre a união de duas grandes facções criminosas contra o projeto de segurança pública do estado na implantação das UPPs. Segundo o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, se as ações das facções continuassem, a repressão aumentaria, usando as forças da Polícia Militar e Civil com um efetivo dobrado. Na mesma matéria, ainda foi inserido um *box* com opinião sobre o caso, que dizia o seguinte:

> Para se integrar às ações de resposta à onda de violência no Rio, a União deve contribuir com movimentos pontuais e outros estratégicos. No que tange a medidas imediatas, passo importante é o governo federal blindar seus presídios de segurança máxima: foi de um deles que chefões do tráfico ali hospedados fizeram sair a ordem para os ataques. Não é, obviamente a única medida a ser tomada, mas tapar buracos no queijo suíço ajuda bastante. (O GLOBO, 2010, p. 17)

Nessa matéria, Araújo preocupou-se em esclarecer os fatos, baseando-se em informações recebidas sobre o caso, o parecer da Subsecretaria de Inteligência da Secretaria de Segurança, o uso da imagem do então secretário de Segurança Pública, Beltrame, legendada com seu nome e o uso das aspas do que ele havia dito sobre os ataques, além de deixar, no final da página, do lado esquerdo, um *site* onde leitores debatem sobre o crime organizado e a união das facções.

Por meio da utilização de todos esses recursos, segundo as teorias do jornalismo, Araújo (2010) foi responsável por relatar os fatos como eles se sucederam, mas ao mesmo tempo, ressaltando um pensamento pessoal mais subjetivo, descrita logo no início da matéria "Pela primeira vez, depois de 16 anos (...)" (ARAÚJO, 2010, p. 17), o que faz a notícia afastar-se, nesse sentido, da Teoria do Espelho. No entanto, a jornalista cumpre o objetivo da

Teoria do Agendamento, a qual agenda as matérias para os seus leitores e consumidores. Isso pode ser entendido, pois devido à onda de ataques recentes, o próprio veículo necessita atualizar seu público sobre novas informações acerca do caso. Dessa forma, a matéria pode ter sido uma espécie de agendamento para noticiar o que de mais recente aconteceu sobre os ataques criminosos e a união das facções.

Por outro lado, a mesma matéria ainda apresenta uma linha que segue a Teoria dos Definidores Primários e Espiral do Silêncio, pois, utiliza fontes de grande credibilidade e importância para falar do assunto que, no caso, é o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame. Ao mesmo tempo, Araújo (2010) ainda interpreta a história, ou seja, além de assumir o papel de jornalista, ela ainda pesquisa e se aprofunda no caso não só por meio de fontes, mas também por meio de pesquisa. Pode-se observar os relatos históricos e contextualizados em um trecho já citado anteriormente neste trabalho, "Pela primeira vez, depois de 16 anos (...)" (ARAÚJO, 2010, p. 17), mostra o estudo realizado pela jornalista para falar sobre a união das facções criminosas. Desta maneira, além de pontuar as informações sobre os ataques, ela ainda se atentou em citar dados sobre as facções criminosas e o laço criado entre elas em prol de um interesse comum: o impedimento da implantação das UPPs.

No dia 25 de novembro de 2010, o O Globo publicou, na página 16, a matéria de Ana Claudia Costa, Gustavo Goulart e Vera Araújo, intitulada "Ataque ao bunker do tráfico" (Anexo E). A matéria jornalística trouxe informações sobre a preparação das Forças Armadas para atacar a Vila do Cruzeiro e pôr fim aos atentados que vinham acontecendo há dias. Os jornalistas mostraram a ação do governo do Rio e os pedidos de apoio da Marinha do Brasil que, na época, garantiu suporte logístico para que houvesse a ação, armas, transporte blindado, munição e equipamentos para a ocupação contra o tráfico na Vila do Cruzeiro.

> O governo do estado prepara uma grande ofensiva contra o tráfico na Vila do Cruzeiro, programada para começar na madrugada de hoje. Principal reduto do tráfico no Rio, a Vila do Cruzeiro, junto com o Complexo do Alemão, se transformou no maior bunker de traficantes cariocas, recebendo bandidos de comunidades ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). O governador Sérgio Cabral pediu apoio à Marinha do Brasil, que garantiu suporte logístico, como veículos blindados, armas, munição e óculos de visão noturna. (O GLOBO, 2010, p. 16)

Na matéria do O Globo, percebe-se a tentativa dos jornalistas em mostrar, detalhadamente, todos os procedimentos que estavam sendo realizados, tanto pelo governo, como pelas Forças Armadas, para que a ação contra o tráfico fosse concluída de forma positiva. No entanto, como em qualquer ocupação de favela, há ocorrência de balas perdidas

e a morte de pessoas inocentes. Além do mais, Ana Cláudia, Gustavo e Vera ainda sentiram a necessidade de retratar essas informações através de imagens impactantes, tal como a que mostra policiais com armas e correndo para atacar os criminosos, como também a de moradores do Morro da Caixa D'Água carregando um corpo atingido por bala perdida durante a ação dos policiais na favela.

Na mesma matéria do O Globo, após o intertítulo "Câmera flagrou bandidos em favela", os jornalistas descrevem a ação policial:

> A ação policial começou simultaneamente nas favelas por volta das 9h. Enquanto equipes da Polícia Civil entravam nas favelas de Manguinhos e Jacarezinho, PMs de diversos batalhões se reuniram no 41º BPM (Irajá) e, de lá, partiram para invadir as favelas do Complexo da Penha. O fato ocorreu logo depois de um câmera no helicóptero da TV Globo flagrar cenas, no início da tarde, de homens fortemente armados e circulando em motos num dos acessos à Vila do Cruzeiro. O Batalhão de Operações Especiais (BOPE) ocupou os acessos e não vai sair de lá, até a ocupação completa da favela hoje. Para isso, estavam sendo requisitados blindados de outros batalhões. (O GLOBO, 2010, p. 16)

Após a leitura completa de todo o material publicado no jornal, destacam-se a presença de três teorias, entre elas a Gnóstica, pois a construção da matéria foi apoiada em recursos próprios do jornalismo, tais como a centralização e exposição de fotos jornalísticas impactantes, que acabam interessando o leitor; o Agendamento, tendo em vista que o início da ocupação policial tornou-se um dos momentos mais esperados pelo público, como também dos canais de notícia; e Definidores primários, considerando as aspas do então governador do estado, Sérgio Cabral, do coronel Henrique Lima Castro, homem baleado de raspão no braço, Álvaro Lopes, e do aposentado e morador da região onde estava acontecendo a ação policial, Valdemar da Rocha. Assim, todos esses participantes da matéria foram fontes de peso para a produção do material, os quais tornaram as informações ainda mais críveis e com detalhes que enriqueceram e afirmavam o confronto entre os bandidos e as Forças Armadas.

O jornal O Globo publica na sua edição do dia 26 de novembro de 2010, na primeira página, mais informações sobre a ocupação na Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão. A capa do jornal (Anexo F) é estampada com fotografias de carros blindados da Marinha abrindo espaço para que os carros do BOPE pudessem adentrar na zona de conflito. A entrada dos chamados "caveirões[3]" resultou em imagens históricas, visto que a ação retomou a Vila do Cruzeiro, na Penha, o principal *bunker*[4] de tráfico do Rio. Devido à forte segurança e à

---

[3] Carro blindado e adaptado para entrar em zonas de risco. Fonte: da autora.

[4] Um abrigo, na verdade subterrâneo, pois possui paredes fortes para proteger as pessoas que estão dentro de balas ou bombas. Traduzido pela autora. No original: *a shelter, usually underground, that has strong walls to protect the people inside it from bullets or bombs.* Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/bunker> Acesso em 26 jan. 2023

quantidade de armamento pesado dentro dos blindados, não houve trocas de tiros, fazendo com que os traficantes recuassem e fugissem em direção ao Complexo do Alemão sem que fossem detidos pelas forças. A matéria ainda divulga que a fuga dos criminosos foi captada e transmitida, ao vivo, diretamente do helicóptero da TV Globo.

> A Polícia Federal entrou na guerra, participando do cerco às imediações do Complexo do Alemão. O secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame, disse que caiu o porto seguro do tráfico, agradeceu à Marinha, mas criticou o Exército. À noite, o Ministério da Defesa anunciou o envio de 800 homens do Exército, 10 blindados, dois helicópteros da FAB [Força Aérea Brasileira] e equipamentos. (O GLOBO, 2010, p. 1)

Ao fazer a leitura da capa, com todos os seus recursos imagéticos e textuais, a produção baseou-se na Teorias do Espelho, visto que relatou o fato de forma imparcial; bem como a Teoria do Agendamento, pois, tendo em vista a importância do fato, foram constantes no período a publicação de novas informações sobre a guerra entre os traficantes e as Forças Armadas no Rio de Janeiro, que chegavam ao público por meio da imprensa.

No dia seguinte, na edição do dia 27 de novembro de 2010, o O Globo publicou em sua capa, "Intenso tiroteio entre Exército e tráfico abre Batalha do Alemão", mais informações sobre a guerra no Rio de Janeiro. Desta vez, foram utilizadas imagens impactantes sobre a intensa troca de tiros entre o Exército e os traficantes, dando abertura à Batalha do Alemão, como assim nomearam (Anexo G).

A jornalista Ana Claudia Costa escreve para o O Globo os resultados que a ocupação da Marinha e do BOPE causaram na região da Penha. Acompanhada de imagens de soldados andando armados pelas ruas nas proximidades do Complexo do Alemão e a de homens do Exército preparando suas munições, a reportagem mostrava a presença das forças armadas no entorno das regiões da Penha e do Complexo do Alemão.

> Desde as 14h de ontem, a paisagem no entorno dos complexos da Penha e do Alemão foi mudando e se tornou verde oliva. Uma tropa de 800 paraquedistas do Batalhão de Infantaria desembarcou ontem para ocupar 44 acessos das favelas dessa região. Antes de entrar nos morros, a troca ouviu atenta às orientações dadas pelo comandante do 1º Comando de Patrulhamento de Área (CPA), que já comandou o batalhão da região. (O GLOBO, 2010, p. 22)

Logo após esse parágrafo da jornalista, a mesma acrescentou um intertítulo "Carros serão revistados nas entradas do morro" (Anexo H) dando abertura para um novo comunicado que teria surgido sobre a influência das tropas nas regiões da Penha e do Complexo do Alemão. Segundo explica a matéria, a intenção do general Fernando Sardenberg por esse tipo de movimento com os carros, teve como objetivo impedir que traficantes deixassem a comunidade ou que retornassem com armas de fogo, drogas e

munições. Um ponto importante a ser destacado, foi a explicação desse tipo de ação na região de conflito. A jornalista cita que, de acordo com o general, esse tipo de operação havia sido baseada em experiência dele no Haiti, revelando que as táticas no país caribenho eram semelhantes.

Entende-se, dessa forma, que a jornalista pontuou, além do combate entre os traficantes e as Forças Armadas, o fato histórico do conflito fora do Brasil, que serviu de experiências para as Forças Armadas aplicarem em território nacional.

O O Globo publicou na sua edição do dia 28 de novembro mais informações sobre a operação na Vila do Cruzeiro. No entanto, a matéria não retratou dados e informações sobre a ocupação, mas sim o investimento de reconstrução da Vila do Cruzeiro, após ter sido invadida por diversos tiroteios e similares. Logo na capa do jornal (Anexo I) foram expostas imagens de moradores, crianças e mais velhos, como primeiro plano e, ao fundo, os descasos deixados pela ocupação, como a foto de uma mãe com um bebê no colo e ao fundo carros incendiados e atacados durante a invasão. Escrita pelo jornalista Ruben Berta, a matéria "A hora do social e do urbanismo", página 16 (Anexo J) trouxe todo o planejamento de reestruturação do espaço. Nela, o jornalista inseriu a planta do projeto, com detalhes e descrição de como a Vila do Cruzeiro ficaria após a construção. Além disso, o jornalista inseriu valores que serão utilizados para a obra, bem como a inserção da UPP no novo ambiente planejado.

> Depois de se tornar um símbolo da retomada, pelo estado, de um território dominado por traficantes, o complexo da Penha, onde está localizada a comunidade da Vila do Cruzeiro, será contemplado com um megaprojeto de intervenção urbanística e social da prefeitura. Esta semana, a Secretaria municipal de Habitação iniciará o processo de licitação da versão do programa Morar Carioca para a região. Será a maior já planejada até agora, com R$ 400 milhões. A primeira intervenção, orçada numa área de 317 mil metros quadrados, conhecida como Parque Proletário da Penha, e começa em cerca de dois meses. Locais que ganharam projeção nos últimos dias por causa da retomada da Vila do Cruzeiro pelo estado estão entre aqueles que receberão intervenções da prefeitura já na primeira fase do Morar Carioca na região. Ao longo da Avenida Nossa Senhora da Penha - por onde a polícia invadiu o complexo, com o apoio de blindados da Marinha - serão construídos um mercado popular, com 47 lojas e dois quiosques, e uma Praça do Conhecimento (espaço voltado para a inclusão digital, com *lan house* pública, cinema e cursos de capacitação). A área atualmente é tomada por ambulantes e lojas degradadas. (O GLOBO, 2010, p. 16)

Analisando a matéria, percebe-se que a preocupação do jornalista foi informar o leitor sobre o projeto de reestruturação, algo que segue a Teoria do Espelho, pois não há intervenção pessoal do profissional na matéria, ao mesmo tempo em que utiliza da teoria dos definidores primários, tendo em vista a presença de aspas do secretário Municipal de Habitação da época, Jorge Bittar, no seguinte trecho:

> O secretário municipal de Habitação, Jorge Bittar, destacou a importância dos investimentos sociais em conjunto com a presença da polícia na comunidade. Ele afirmou ainda que, se houver um pedido do estado, há possibilidade de se reservar um espaço no projeto urbanístico para a construção de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). "O trabalho de pacificação da polícia só se consolida se você tiver investimentos importantes nessas comunidades, com equipamentos de infraestrutura, saúde, lazer e educação. A nossa ideia é uma ocupação social que caminhe ao lado da política de segurança", comentou o secretário. (O GLOBO, 2010, p. 16)

Concluindo, a matéria jornalística apresentada mostrou um parâmetro social em que o jornalista pretendeu informar o leitor sobre o projeto de reestruturação, mostrando, de certa forma, um pensamento e sentimento mais positivo diante da "guerra" no Rio de Janeiro. Com a publicação do material, os leitores do O Globo poderiam ter uma perspectiva mais otimista diante da situação de conflito no Complexo, mesmo que o período tenha sido marcado por grandes perdas e desastres, o projeto de reconstrução do ambiente poderia levar esperança aos moradores.

Em uma edição especial do O Globo, do dia 28 de novembro de 2010, uma manchete do jornal "Bandidos não aceitam ultimato e polícia decide invadir Alemão hoje" (Anexo K). Logo na linha-fina da matéria, a explicação sobre a decisão da Polícia Militar – que derivou do fato de um traficante ter se entregado – e a informação de 600 homens armados estariam organizados no Complexo e prontos para enfrentar as forças de Segurança.

> Numa tentativa de evitar um banho de sangue, a PM deu ontem um ultimato para que 600 bandidos depusessem as armas e se rendessem. Até o início da noite, apenas um criminoso havia se entregado - Diego Raimundo da Silva dos Santos, o Mister M, braço direito de um dos chefes do tráfico. O líder do Afro*Reggae*, José Júnior, foi ao morro negociar a rendição dos bandidos, e saiu preocupado. A polícia decidiu, então, que invadirá hoje a região considerada o maior *bunker* do tráfico no Rio. (O Globo, 2010, p. 1)

A matéria ainda apresenta a imagem de moradores do Alemão saindo de suas casas no espaço onde as forças de segurança estavam se formando, desde a noite do dia 27 de novembro para, enfim, iniciar a invasão e o combate contra os traficantes. Partindo desse pressuposto, e dos apresentados anteriormente, analisa-se que o jornalista se baseou na Teoria do Espelho, pontuando os fatos como eles realmente se sucederam, e confirmando, por meio da imagem, o abandono dos moradores de seus lares devido ao início de invasão que aconteceria a seguir. Além disso, também se evidencia a ideia da Teoria do Agendamento, pois a própria Polícia inseriu na agenda do público um assunto referente a decisões ocorridas nos últimos dias a respeito da guerra no Rio.

A população carioca é informada, na edição do dia 29 de novembro de 2010 de O Globo (Anexo L) que o bairro do Alemão estava livre do poder do tráfico. Na capa do jornal, policiais são fotografados na plataforma do Complexo do Alemão ao lado da bandeira do Brasil, representando a libertação do Complexo. A matéria de capa intitulada "O Rio mostrou que é possível" comunicou que após três dias de ataques, as forças de segurança do Rio de Janeiro venceram o crime organizado no Alemão.

> O sinal da conquista, que ficará sempre marcada na História da cidade, estava nas bandeiras do Brasil e do estado do Rio de Janeiro tremulando numa plataforma do teleférico do Complexo. "O Alemão era do coração do mal", disse o secretário de Segurança, José Mariano Beltrame. Sem ferir um inocente sequer, os 2.600 policiais e militares fizeram uma operação exemplar, com três mortes do lado inimigo. Houve cerca de 20 presos, mas há rumores de que bandidos tenham escapado ao cerco do Exército e fugido até por tubulações de água pluvial. Disfarçado de mata-mosquito, um dos traficantes conseguiu furar o bloqueio, mas foi detido depois na casa de uma tia. Pela primeira vez, desde 1994, o Exército vai policiar o Complexo do Alemão. O governador Sérgio Cabral pediu ao Ministério da Defesa que ocupe o conjunto de favelas até que o estado forme novos policiais que vão atuar na Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da favela. (O GLOBO, 2010, p.1)

A matéria enfocou o resultado da operação objetivando levar tranquilidade aos cidadãos cariocas que, anteriormente, estavam tensos e preocupados com o intenso confronto entre policiais e traficantes. A matéria de capa retratou, até de forma semiótica, com a utilização da bandeira do Brasil, que a ordem e o progresso haviam sido alcançados em um dos *bunkers* de tráfico mais violentos do Rio de Janeiro. Após dias de ataques violentos, moradores da cidade e do Complexo poderiam viver de maneira tranquila e sem qualquer tipo de preocupação.

Segundo as teorias do jornalismo esse tipo de publicação e produção assemelha-se à Teoria do Espelho, por apresentar dados, informações e imagens do que realmente havia sido cumprido, sem que haja intervenção ou opinião pessoal do jornalista. Além disso, a Teoria do Definidores Primários, ou Espiral do Silêncio, também foi participativa, visto que as falas do secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, e do governador Sérgio Cabral, tinham sido inseridas na matéria, explicando o fato e configurando a veracidade e credibilidade, tanto do jornalista, quanto do jornal, à medida que trazem figuras públicas importantes e responsáveis pelas decisões e ações ocorridas.

Outra fonte de pesquisa para análise de conteúdos no presente trabalho, acerca do fato histórico ocorrido no Rio de Janeiro, foi o documentário "Complexo" produzido pela Globo*play*. Na primeira temporada, a série contém cinco episódios, dos quais mostram a realidade do Complexo da Penha e do Complexo do Alemão, por meio de imagens captadas durante a ocupação e de depoimentos dos moradores, líderes comunitários e autoridades.

De gênero documentário, comportamento e questões sociais, a produção faz uma seleção de falas dos diversos personagens que participaram, viveram e vivem o dia a dia da realidade dos complexos da Penha e Alemão. Com mensagens marcantes e imagens que retratam a realidade difícil dos que lá vivem, o documentário assume o papel de não apenas informar, mas também tocar o espectador. Já no primeiro episódio da série, "Sonhos perdidos" a breve sinopse já revela o que será discutido e transmitido: "Durante dois meses, uma equipe do RJT1 acompanhou o dia a dia dos moradores dos complexos do Alemão e da Penha. Eles ouviram moradores e especialistas e tentam entender o que deu errado no projeto da UPPs" (COMPLEXO, 2017, ep. 1).

No decorrer da produção, que ocorreu durante dois meses, a repórter Bette Lucchese e os cinegrafistas Piero Caputo e Junior Alves entraram em contato com a realidade daqueles moradores. Durante os episódios, foram retratados a vida difícil, o medo constante e o desejo de paz, tendo em vista os diversos ataques e trocas de tiros que acontecem nos complexos. Além disso, a produção do documentário revela dados e informações sobre o não sucesso do projeto da UPPs nos complexos, que deveriam levar segurança aos moradores.

Uma das mensagens mais marcantes transmitida no documentário foi a de Letícia Vitória Guimarães, de 7 anos de idade, que dizia gostar de ver a realidade dos complexos, "Como se não tivesse mais nenhuma guerra" (COMPLEXO, ep. 1, 2017). Ela, que comenta não saber o significado de paz, após a pergunta da repórter Bette, acredita que o termo é um pedido para fazer as pessoas pararem de virar bandido. Além disso, a menina revela que vai para o quarto de sua mãe quando há trocas de tiros, junto com sua irmã, por ter medo.

> Desde o primeiro mês de 2017, a gente começou a fazer essa contagem [contabilidade diária de confrontos], e a gente sempre faz esse balanço no final do mês. O mês de janeiro a gente teve mais de 50% dos dias tendo confronto, o mês de fevereiro teve tiro todos os dias, do primeiro ao último dia do mês não teve um dia sequer que não tivesse tiroteio, o mês de março, por exemplo, a gente só teve 3 dias que não teve tiroteio, um no final de semana e outros dois em dois dias seguidos durante a semana, todos os outros dias teve confronto. (SOUZA, 2017, ep. 1)

Em um outro momento, o documentário também revela falas das autoridades que estavam presentes nos dias da ocupação, desde o secretário estadual de Segurança, José Mariano Beltrame, como também alguns integrantes das Forças Armadas. Por meio dos depoimentos, foi possível revelar os sentimentos de medo, angústia e pressão que estavam sendo vivenciados, tanto pelos moradores, como também pelos policiais que estavam na linha de frente contra o tráfico na Vila do Cruzeiro e no Complexo do Alemão.

O próprio documentário compartilhou, em diversos momentos, *flashes* captados pela televisão na época da invasão, tal como sonoras (termo utilizado no jornalismo televisivo

para se referir a trechos de reportagens em que há imagens de entrevistados ou de jornalistas falando) dos jornalistas comunicando cada etapa da ocupação, tal como a fala da, até então jornalista do Jornal Nacional, Fátima Bernardes que, na época, dividia a bancada do principal telejornal brasileiro com William Bonner.

Além disso, todo o material baseou-se em videografismos, para que assim o consumidor pudesse ter um parâmetro mais objetivo e claro de todas as informações que estavam sendo passadas. Durante todo o projeto, foi possível perceber também o uso de efeitos sonoros e sound effects que davam certa emoção e sensação de se estar vivenciando, de fato, a ocupação. Todos esses recursos, entrevistas, imagens impactantes e efeitos sonoros puderam contribuir, de forma positiva, o documentário, enriquecendo-o e levando mais veracidade e credibilidade aos fatos.

A preocupação dos produtores em informar o ocorrido e ao mesmo tempo ter empatia para com os personagens que vivenciaram esse período de guerra no Rio de Janeiro também foi observado, visto que ao captar, por exemplo, as falas e imagens de crianças, a produção trouxe um olhar mais humano para essa população, trazendo, dessa maneira, um sentido que vai além do jornalismo factual ou de reportagem, e acrescentando relatos de indivíduos que estavam em uma zona de guerra, cercados pelo perigo, medo e insegurança.

Vale ressaltar que em projeto documental todas essas questões citadas anteriormente fazem diferença. Nesse tipo de material jornalístico, a intenção, o objetivo principal, não é informar apenas, como acontece no jornalismo diário, mas levar um sentido mais contextualizado, histórico, humano, sensível, apresentando ao público, por meio de recursos que legitimam o trabalho, cenas, situações, o cotidiano, enfim, a realidade de parcelas importantes da população que raramente são assim retratadas pela imprensa.

A partir disso, e baseando-se nas Teorias do Jornalismo, percebe-se que o material trabalhou a questão da Teoria do Espelho, ao ponto de informar, com dados, estatísticas e relatos, o que realmente havia acontecido na época; trouxe para si também a Teoria Etnográfica, já que o campo onde havia acontecido a invasão tinha sido antes pesquisado, analisado, para depois fazer afirmações ou presunções sobre o caso; foi possível identificar a Teoria dos Definidores Primários, Espiral do Silêncio, pois como dito anteriormente, o material apresenta diversos personagens, e todos muito relevantes para o tema, tal como moradores da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão, o chefe de segurança do Rio de Janeiro da época e organizações de dentro das comunidades; por fim, também possível verificar a presença da Teoria da Nova História, já que o próprio documentário interpreta a

história, no caso, a ocupação do Complexo do Alemão e da Vila do Cruzeiro, a partir da formação de fontes, arquivos e documentos oficiais.

Em suma, o material conseguiu integrar a informação e a história de forma precisa, com aberturas, entradas e encerramentos bem alocados, convincentes e impactantes. O documentário conseguiu cumprir o seu papel, mostrando além do que é produzido no jornalismo cotidiano, contando uma história que ficou marcada na memória de muitos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo baseou-se na análise de conteúdo das coberturas jornalísticas realizadas pelo Jornal Nacional e O Globo, como também a exploração do documentário produzido pela *Globoplay,* denominado "Complexo" sobre a ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão, datada em novembro de 2010, na cidade do Rio de Janeiro.

Por meio desta pesquisa, foi possível perceber a importância do tema para a sociedade, visto que carrega questões sociais, políticas, históricas e de segurança pública. Além disso, para o meio acadêmico, a pesquisa acompanha debates para além do jornalismo, indo ao encontro da história do processo de favelização no país, da preservação ou não dos Direitos Humanos, das desigualdades sociais e do domínio do tráfico dentro das comunidades cariocas, neste caso. Ainda, a produção deste trabalho tornou possível, enquanto futura jornalista, entender e, assim, desenvolver um olhar ainda mais crítico para as pautas sociais.

No decurso do desenvolvimento deste trabalho, não houve grandes limitações para encontrar dados e informações que abordavam o assunto. Os livros utilizados, *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais; JN: 50 Anos de Telejornalismo; e Do quilombo à favela: a produção do "Espaço Criminalizado" no Rio de Janeiro*; os artigos utilizados, bem como os referenciais teóricos divididos em matérias jornalísticas e documentário, conseguiram esclarecer todas as minhas dúvidas para a elaboração desta monografia.

Ao fim do estudo, foi possível atingir os objetivos, principal e secundários. Dessa forma, foi possível compreender que as produções jornalísticas sobre casos policiais geram alta repercussão na sociedade, dado que os próprios canais de comunicação, imprensa, abordam o assunto de forma detalhada, o que acaba instigando a curiosidade do leitor ou telespectador.

Além disso, as perguntas e os problemas apresentados anteriormente foram sanados e esclarecidos. Dessa maneira, constatei que a ocupação da Vila do Cruzeiro e do Morro do Alemão foi um fator primordial para que os canais passassem a produzir mais intensamente esse tipo de conteúdo, pois, despertou um olhar mais crítico sobre o assunto, fazendo com que produções futuras fossem trabalhadas de forma ainda mais detalhada e que pudessem, de forma clara, levar aquilo que o público deseja e espera.

Em suma, as produções sobre a ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão foram bem produzidas e veiculadas em meios, programas e horários considerados

nobres, possibilitando ao público conhecer parte do problema social e de Segurança Pública vivida pelos moradores das comunidades faveladas, dado que a imprensa utilizou recursos técnicos, jornalísticos e midiáticos, com detalhes e informações que garantiram destaque a tais pautas nas coberturas jornalísticas realizadas.

Pode-se perceber, no entanto, que o caso da ocupação do Morro do Alemão, embora tenha levado qualidade para as produções de jornalismo policial e inserido a pauta nos horários e espaços nobres da imprensa, colocando o tema no centro do noticiário político e social, ao mesmo tempo enfatizou a cobertura jornalística policial feita junto às comunidades periféricas e faveladas, deixando à margem outras temáticas do cotidiano dessas populações.

Para uma futura evolução da pesquisa sobre o assunto, poder-se-á realizar entrevistas com os veículos de comunicação que cobriram a ocupação, com jornalistas pautados nas coberturas realizadas na época, com editores de polícia e de cotidiano, como também com os próprios moradores da comunidade. Dessa forma, será testemunhado um parâmetro mais humano sobre o caso, trazendo para o jornalismo um sentido mais declaratório. Por hora, este estudo atingiu seu objetivo de mostrar como as coberturas de conflitos urbanos, que têm importante impacto social, especialmente junto às populações mais vulneráveis da sociedade, podem deixar de ser relegadas à editoria de polícia e adentrar áreas consideradas mais nobres do jornalismo como as de política, economia, gestão pública, entre outras, revelando caráter e possibilidades amplas do jornalismo. A ocupação da Vila do Cruzeiro e do Complexo do Alemão foi pauta de uma série de reportagens que demonstraram ser o jornalismo um exercício social e, como tal, em constante modificação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera. **A união do crime contra as UPPs**. O Globo. Matutina, p. 17, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 24 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101124> Acesso em: 06 out. 2022

Bandidos não aceitam o ultimato e polícia decide invadir Alemão hoje. Reprodução de capa do jornal. O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 1, Rio de Janeiro. Caderno da Edição de 28 de novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128>. Acesso em: 29 de jan. 2023

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 2018. Disponível em: <https://www.almedina.net/an-lise-de-conte-do-1563808798.html> Acesso em 05 dez. 2022

BERTA, Ruben. **A hora do social e do urbanismo**. O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 16, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 28 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128> Acesso em: 14 out. 2022

BERTA, Ruben. **Prefeitura tem megaprojeto de reconstrução da Vila Cruzeiro**. O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 1, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 28 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128> Acesso em: 14 out. 2022

BLOCH, A.; GOIS, A.; LEITÃO, M.; LEITORES; PEREIRA, P. **Intenso tiroteio entre Exército e tráfico abre Batalha do Alemão**. O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 01, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 27 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101127> Acesso em: 12 nov. 2022

BRIZOLA, Leonel. **Memórias da Ditadura.** 2016. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/leonel-brizola/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela: a produção do "Espaço Criminalizado" no Rio de Janeiro**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Branted Brasil, 2010.

CAVALCANTI, Garofalo, Flávia. **Cidade falada. Percepções da vida urbana no Complexo do Alemão/RJ**. XVII Enapur. São Paulo, p. 2 a 18, 2017. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1778> Acesso em: 5 dez. 2022.

COMPLEXO. Rio de Janeiro. Documentário. Globoplay, 2017.

COMUNIDADES, da Voz. **História do complexo do alemão.** 2016. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/favelas/complexo-do-alemao/historia-do-complexo-do-alemao-2/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

COSTA, Ana Claudia; GOULART, Gustavo; ARAÚJO, Vera. **Ataque ao bunker do tráfico**. O Globo. Matutina, p. 16, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 25 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101125> Acesso em: 02 out. 2022.

COSTA, Ana Claudia. **Presença de militares muda a paisagem na região da Penha**. O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 22, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 28 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128> Acesso em: 14 out. 2022

CRUZ, Andrea F. da. Teresa. **Vozes da guerra urbana no Rio de Janeiro (anotações sobre a tomada da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão).** Revista Transversos, Rio de Janeiro, Vol. 03, nº. 03, pp. 26-43, out-mar. 2014/2015. Disponível em: <www.transversos.com.br>. Acesso em: 9 dez. 2022.

DE SANTANA, L. H. C.; DE FREITAS SILVA, C.; RODRIGUES DE SOUZA, E. **O discurso hegemônico e idealista na troca do termo favela por comunidade**. Porto das Letras, *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 14–33, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/7745>. Acesso em: 9 dez. 2022.

Dois meses de ataques. O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 17, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 23 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101123> Acesso em: 10 nov. 2022

FABRINI, Fábio. **Polícia fará operações em favelas**. O Globo. Matutina, p. 17, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 23 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-aoacervo/?navegacaoPorData=201020101123> Acesso em: 04 out. 2022

FARIAS, Marcos Benício de Souza. **A criação das UPPs na cidade do Rio de Janeiro e o aumento nos índices de criminalidade na região da grande Niterói:** uma análise à luz dos dados estatísticos. Niterói, p. (18 a 149), 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6725/2017_a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20das%20upps%20na%20cidade%20do%20rj%20e%20o%20aumento%20nos%20indices%20de

%20criminalidade%20na%20regi%C3%A3o%20da%20grande%20niter%C3%B3i.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1 dez. 2022.

GODOI, Larissa. **Cobertura policial: reflexões sobre os programas televisivos Linha Direta, Brasil Urgente e Barra Pesada como produtos de entretenimento**. TCC, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Comunicação Social com habilitação em Jornalismo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília: 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1475/2/20176767.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, p. 20 a 29, v.35, n. 3, São Paulo. Maio e Junho de 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

GOULART, Gustavo. **Carro é incendiado perto do Alemão**. O Globo. Matutina, p. 17, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 23 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-aoacervo/?navegacaoPorData=201020101123> Acesso em: 04 out. 2022

LEITÃO, M.; LEITORES; PEREIRA, M. **O dia D da guerra ao tráfico**. O Globo. Primeira Página, p. 01, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 26 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101126> Acesso em: 10 out. 2022

MAGALHÃES R. C. João. **Histórico das favelas na cidade do Rio de Janeiro**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea Ano 7. Edição 63. 2010. Disponível em: **<**https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23> Acesso em: 08 jun. 2022.

MEMÓRIA GLOBO. BRASIL. (ORG). **JN: 50 anos de telejornalismo**. 1º ed. Porto Alegre: Editora Globo, 2019.

MOURA, Sandra; SINÉSIO, Valéria. **Casos policiais: para um jornalismo além do boletim de ocorrência.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**.** Campo Grande (MS), 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/37005576-Casos-policiais-para-um-jornalismo-alem-do-boletim-de-ocorrencia.html> Acesso em: 23 out. 2022.

O Rio mostrou que é possível. Reprodução da capa do jornal O Globo. Matutina, Primeira Página, p. 01, Rio de Janeiro. Cadernos da Edição de 29 novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101129> Acesso em: 10 nov. 2022

PALERMO, Claudio, Luis. **Da “Guerra” no Complexo do Alemão à Ocupação da Favela Santa Marta: aspectos de uma política de segurança pública**. Revista Ilha, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. (115 a 145), ago/dez, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2014v16n2p116> Acesso em: 5 dez. 2022.

PAULA, Luciano Teixeira. **O telejornalismo, a representação identitária e a construção da imagem pública das vítimas de violência no Rio de Janeiro nos conflitos do Complexo do Alemão**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife (PE), p. 1 a 15, 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2280-1.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

QUINTAS, Felipe. **A destruição do Cortume Carioca**. Disparada, 2021. Disponível em: <https://disparada.com.br/cortume-carioca-getulio/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

TEIXEIRA, Luciano. **A identidade das vítimas na representação da violência no telejornalismo:** a cobertura do JN e do Profissão Repórter no território dos morros cariocas. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/935/1/lucianoteixeira.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa da educação. 1º ed. São Paulo. Editora Atlas, 1987.

ANEXOS

Anexo A - Matéria jornalística do O Globo “Polícia fará operações em favelas”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101123

23 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 17

SAIR DO MODO DE TELA CHEIA

O GLOBO • RIO • PÁGINA 17 · Edição: 23/11/2010 • Impresso: 22/11/2010 — 22: 12 h

PRETO/BRANCO

Terça-feira, 23 de novembro de 2010 O GLOBO RIO • 17

A GUERRA DO RIO: *Secretário de Segurança diz, em Brasília, que não existem 'soluções mágicas' para a violência*

Polícia fará operações em favelas

Outra medida será transferir chefes do tráfico para prisões federais

Fábio Fabrini

• BRASÍLIA e RIO. O secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, anunciou ontem que a polícia vai fazer operações em favelas, em busca dos autores dos ataques, e reforçar o patrulhamento em áreas mais vulneráveis. O anúncio foi feito pouco antes de reunião com o secretário Nacional de Segurança Públi-

que não vai acontecer incidente em uma cidade com 12 milhões de pessoas e que historicamente o tráfico se instalou? — questionou, acrescentando que a saída é a política já adotada, com resultados de médio e longo prazos. — Temos de entender que mágica não existe. Quem oferecer mágica e quem oferecer uma solução para segunda-feira, os senhores me descul-

Marcelo Piu

POLÍCIA

Anexo B - *Box* jornalístico “Dois meses de ataques”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101123

23 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 17

SAIR DO MODO

Dois meses de ataques

Fernando Frazão/ 21-11-2010

• Nos últimos dois meses, bandidos destruíram, em incêndios criminosos, 12 veículos e deixaram em pânico dezenas de motoristas em pelo menos 21 arrastões realizados em diferentes pontos da cidade. Somente nas últimas 48 horas, criminosos interceptaram e atearam fogo em seis carros, dois deles, no domingo, na Linha Vermelha, na altura de Duque de Caxias. No local, traficantes fortemente armados também metralharam um carro oficial da Aeronáutica que passava pelo local.

Durante o ataque, os criminosos chegaram a lançar uma granada contra o carro da Aeronáutica. O artefato explodiu, deixando um buraco no asfalto. Ninguém ficou ferido porque o motorista conseguiu escapar pela porta do carona.

A onda de ataques incendiários começou no dia 8 de novembro, quando dois motoristas foram interceptados na Estrada Grajaú-Jacarepaguá. Depois que tiveram seus pertences levados, viram seus veículos serem incendiados. Novas ações aconteceram dois dias depois em diferentes pontos

O VEÍCULO DA AERONÁUTICA que foi atacado na Linha Vermelha

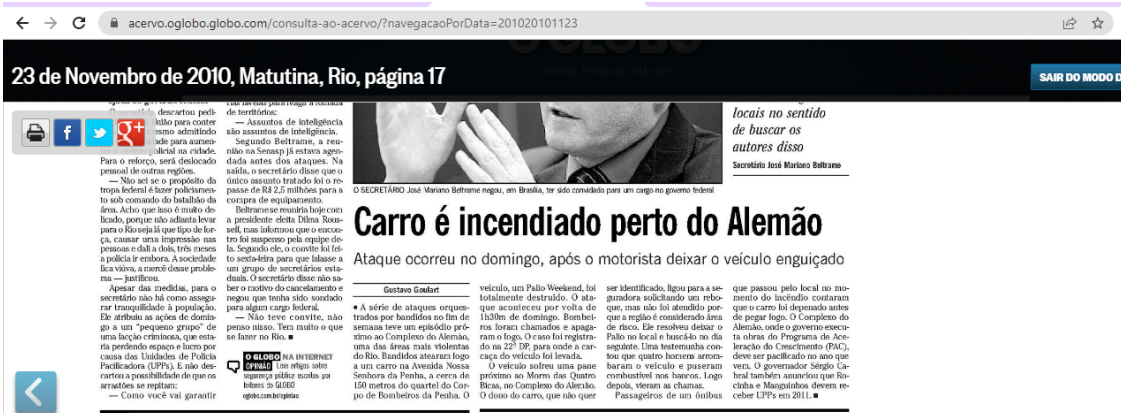
da cidade: um carro foi incendiado na Rua Vinte e Quatro de Maio, no Riachuelo; um no acesso ao Túnel Noel Rosa; e dois na Rua Paulo VI, no Flamengo.

Os arrastões na Zona Sul voltaram a acontecer no dia 29 de setembro, com a investida de quatro bandidos contra motoristas que estavam na Rua Faro, no Jardim Botânico. Armados com pistolas e uma granada, eles bloquearam a rua com um Honda Civic e atacaram também pedestres. Na época, a polícia atribuiu o crime a traficantes de morros de Santa Teresa. No início deste mês, a Rua Faro foi palco de novo arrastão. No dia 9 de novembro, foi a vez de pedestres serem vítimas deste tipo de crime, na Rua Fernandes Guimarães, em Botafogo.

Desde o início do ano, já foram registrados mais de 38 arrastões na Região Metropolitana. Duas pessoas foram baleadas pelos criminosos e uma morreu — a universitária Silvania Maria de Santana Vieira, de 37 anos. Ela foi atacada em janeiro, na Vila da Penha, e teria reagido ao assalto.

Hotel Village Le Canton
FORA DE SÉRIE
O Le Canton comemora 25 anos em dezembro.
Para festejar a ocasião, diária especial nos fins de semana de 3 a 5/12, de 10 a 12/12 e de 17 a 19/12
a partir de R$ 530,00 e taxas
MÍNIMO 2 NOITES – casal com pensão completa + 2 crianças até 12 anos grátis*.
FORMA DE PAGAMENTO:
50% de entrada + 3 vezes no cartão de crédito.
RESERVAS
0800 285 4200 – (21) 2741-4200
reservas@lecanton.com.br
www.lecanton.com.br

Anexo C - Matéria jornalístico do O Globo “Carro é incendiado perto do Alemão”



acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101123

23 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 17

SAIR DO MODO D

O SECRETÁRIO José Mariano Beltrame negou, em Brasília, ter sido convidado para um cargo no governo federal

locais no sentido de buscar os autores disso

Secretário José Mariano Beltrame

Carro é incendiado perto do Alemão

Ataque ocorreu no domingo, após o motorista deixar o veículo enguiçado

Gustavo Goulart

• A série de ataques orquestrados por bandidos no fim de semana teve um episódio próximo ao Complexo do Alemão, uma das áreas mais violentas do Rio. Bandidos atearam fogo a um carro na Avenida Nossa Senhora da Penha, a cerca de 150 metros do quartel do Corpo de Bombeiros da Penha. O veículo, um Palio Weekend, foi totalmente destruído. O ataque aconteceu por volta de 1h30m de domingo. Bombeiros foram chamados e apagaram o fogo. O caso foi registrado na 22ª DP, para onde a carcaça do veículo foi levada.

O veículo sofreu uma pane próximo ao Morro das Quatro Bicas, no Complexo do Alemão. O dono do carro, que não quer ser identificado, ligou para a seguradora solicitando um reboque, mas não foi atendido porque a região é considerada área de risco. Ele resolveu deixar o Palio no local e buscá-lo no dia seguinte. Uma testemunha contou que quatro homens arrombaram o veículo e puseram combustível nos bancos. Logo depois, viveram as chamas.

Passageiros de um ônibus que passou pelo local no momento do incêndio contaram que o carro foi depenado antes de pegar fogo. O Complexo do Alemão, onde o governo executa obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), deve ser pacificado no ano que vem. O governador Sérgio Cabral também anunciou que Rocinha e Manguinhos devem receber UPPs em 2011. ■

Anexo D - Matéria jornalística “A união do crime contra as UPPs”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101124

24 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 17

SAIR DO MODO D

Quarta-feira, 24 de novembro de 2010 O GLOBO 17

RIO

A GUERRA DO RIO

Fernando Quevedo

UM PM monta guarda junto à cabine alocada em Del Castilho

A união do crime contra as UPPs

Grupos rivais de traficantes se aliam para ataques; Beltrame promete aumentar repressão

Vera Araújo

Pela primeira vez, depois de 16 anos, as duas maiores facções criminosas do Rio se uniram com o objetivo de desestabilizar o principal projeto de segurança pública do estado: a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A informação foi dada ontem pelo secretário de

Paulo Brando

Cabral conversa com Lula e com o ministro da Justiça

Anexo E - Matéria jornalística “Ataque ao bunker do tráfico”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101125

25 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 16

SAIR DO MODO D

O GLOBO • RIO • PÁGINA 16 • Edição: 25/11/2010 • Impresso: 25/11/2010 — 01: 16 h AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

16 O GLOBO 1ª edição • Quinta-feira, 25 de novembro de 2010

RIO

A GUERRA DO RIO

Ataque ao bunker do tráfico

Com apoio da Marinha, estado prepara ação na Vila Cruzeiro para acabar com atentados

Ana Cláudia Costa, Célia Costa, Gustavo Goulart e Vera Araújo

O governo do estado prepara uma grande ofensiva contra o tráfico na Vila Cruzeiro, na Penha, que estava programada para começar ainda na madrugada de hoje. Principal redutor do tráfico no Rio, a Vila Cruzeiro, junto com o Complexo do Alemão, se transformou no maior bunker de traficantes cariocas, recebendo bandidos de comunidades ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). O governador Sérgio Cabral pediu apoio à Marinha do Brasil, que garantiu suporte logístico, como veículos blindados, armas, munição e óculos de visão noturna.

Em entrevista outem ao “Jornal Nacional”, da TV Globo, o governador afirmou que recebeu em fax do ministro da Defesa, Nelson Jobim, garantindo total apoio:

— Acabamos de solicitar ao ministro Nelson Jobim e ao almirante Julio (Soares de Moura), comandante da Marinha, o apoio logístico, com transporte, viaturas e equipamentos importantíssimos para o combate a esses criminosos.

O governador ressaltou que a Marinha não vai atuar diretamente no combate, mas acompanha o Rio.

— Não é apoio de efetivo. A Marinha não vai se envolver. Vai ceder

Marcelo Piu

POLICIAIS MILITARES trocam tiros com traficantes da Favela do Jacarezinho, protegendo-se atrás de blocos de concreto. agentes fazem operações em 30 comunidades

Chuva de balas para selar

Anexo F - Matéria jornalística “O Dia D da guerra ao tráfico”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101126

26 de Novembro de 2010, Matutina, Primeira Página, página 1

oglobo.com.br

O GLOBO

Nesta edição, caderno especial

O Dia D da guerra ao tráfico

Com inédito apoio da Marinha, tropas do Bope desembarcam na Penha e ocupam bunker do tráfico

Traficantes fogem em massa para o Alemão, mas mantêm ataques incendiários à cidade

População aplaude polícia e acompanha operação pela TV em clima de “Tropa de elite 3”

Anexo G - Capa do jornal “Intenso tiroteio entre Exército e tráfico abre Batalha do Alemão”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101127

27 de Novembro de 2010, Matutina, Primeira Página, página 1

oglobo.com.br

O GLOBO

A guerra do Rio

Intenso tiroteio entre Exército e tráfico abre Batalha do Alemão

Primeiro confronto na área deixa nove feridos: três militares, um jornalista e cinco moradores

Cerco a parentes e advogados

Anexo H - Matéria jornalística “Presença de militares muda a paisagem na região da Penha”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101127

27 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 22

HOMENS DO Exército preparam munição: orientação do comando é não entrar em confronto com bandidos

SOB A proteção das armas de um Urutu, soldados ocupam posições nas ruas próximas ao Complexo do Alemão

Ana Claudia Costa

Presença de militares muda a paisagem na região da Penha

Paraquedistas chegam para garantir a segurança no entorno do Alemão

Domingos Peixoto

• Caminhões, blindados, homens com roupas camufladas, fuzis e metralhadoras .50. Desde as 14h de ontem, a paisagem no entorno dos complexos da Penha e do Alemão foi mudando e se tornando verde oliva. Uma tropa de 800 paraquedistas do Batalhão de Infantaria desembarcou ontem para ocupar 44 acessos das favelas dessa região. Antes de entrar nos morros, a tropa ouviu atenta as orientações dadas pelo comandante do 1º Comando de Patrulhamento de Área (CPA), que já comandou o batalhão da região.

Carros serão revistados nas entradas do morro

Parecia até um filme de guerra com as tropas perfiladas e homens desembarcando aos poucos em locais estratégicos. Em fila indiana, os militares entradas da Favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão, o grupo foi recebido a tiros, mas não houve revide. Os homens, então, foram ocupando cada esquina desde a Avenida Itaoca até a Estrada do Itararé, em Ramos.

Segundo o general Fernando Sanfeuberg, o Exército está respeitando a estratégia traçada pela Polícia Militar. Ele explicou que, dos 44 acessos patrulhados pela tropa, a entrada e saída de carros do morro só será permitia em cinco, mesmo assim, com inspeções. Nas outras entradas somente pedestres poderão passar. A intenção, segundo o general, é impedir que traficantes deixem a comunidade e que entrem nesse local armas, drogas ou munições. As patrulhas contarão com a participação de agentes das policias Federal e Militar.

Com experiência em com-

Anexo I - Capa do jornal “Prefeitura tem megaprojeto de reconstrução da Vila do Cruzeiro”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128

28 de Novembro de 2010, Matutina, Primeira Página, página 1

oglobo.com.br

O GLOBO

Prefeitura tem megaprojeto de reconstrução da Vila Cruzeiro

Serão investidos R$ 400 milhões com obras de urbanismo em favelas da Penha

Pós-guerra

Polícia prende mulher do traficante Polegar

Anexo J - Matéria jornalística “A hora do social e do urbanismo”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128

28 de Novembro de 2010, Matutina, Rio, página 16

RIO

A GUERRA DO RIO

A hora do social e do urbanismo

Após retomada da Vila Cruzeiro pela polícia, prefeitura anuncia megaprojeto para Penha

CONHEÇA O PROJETO

Secretário acena

Anexo K - Manchete jornalística “Bandidos não aceitam ultimato e política decide invadir Alemão hoje”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101128

28 de Novembro de 2010, Matutina, Primeira Página, página 1

oglobo.com.br

O GLOBO

Nesta edição, caderno especial

Bandidos não aceitam ultimato e polícia decide invadir Alemão hoje

Apenas um traficante se entrega, entre os 600 homens armados que resistem no complexo

Anexo L - Capa jornalística “O Rio mostrou que é possível”

acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020101129

29 de Novembro de 2010, Matutina, Primeira Página, página 1

SAIR DO MODO D

O GLOBO • SEGUNDO CADERNO • PAGINA 1 - Edição: 29/11/2010 - Impressão: 28/11/2010 — 22: 39 h

oglobo.com.br

O GLOBO

Nesta edição, caderno especial

O RIO É NOSSO

Que beleza ver as bandeiras do Rio e do Brasil sendo hasteadas!

O grande mérito é que isso está sendo feito com serenidade

Eu estou torcendo, como todo carioca, para que o Rio encontre a paz

O Rio mostrou que é possível

Cidade comemora a libertação do Alemão e a maior vitória contra o tráfico